

MESTRADO EM TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS
TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

**Relatório de Estágio na Empresa wisdom
GROUP –
Principais Desafios da Legendagem**

Salomé Pereira Fonseca

M

2022



Salomé Pereira Fonseca

Relatório de Estágio na Empresa wisdom GROUP – Principais Desafios da Legendagem

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos,
orientada pela Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro
Mendonça.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022

Salomé Pereira Fonseca

Relatório de Estágio na Empresa wisdom GROUP – Principais Desafios da Legendagem

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Tradução e Serviços Linguísticos, orientada pela Professora Doutora Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

“いつもあなたのことを信じて。

これをすれば、どこにいても恐れることはありません。”*

- *Baron Humbert von Gikkingen de “O Reino dos Gatos”*

**Acredita sempre em ti. Se o fizeres, não importa onde estiveres, não terás nada a temer.*

(tradução da autora)

Sumário

Declaração de honra	1
Agradecimentos	2
Resumo.....	3
Abstract	4
Índice de Tabelas.....	5
Índice de Gráficos.....	6
Lista de abreviaturas e siglas.....	7
Introdução.....	8
Capítulo 1: o estágio curricular	10
1.1. Processo de escolha e apresentação do local de estágio.....	10
1.2. Descrição do estágio curricular	13
1.3. Processo de tradução	16
1.4. Programas e ferramentas utilizados.....	19
1.5. Apreciação global do estágio.....	23
Capítulo 2: a legendagem.....	25
2.1. Tradução audiovisual.....	25
2.2. Legendagem	28
Capítulo 3: desafios da legendagem – análise teórico-prática	33
3.1. Humor.....	33
3.2. Formas de tratamento.....	40
3.3. Redução textual.....	45
Conclusão	60
Referências.....	62
Anexos.....	67
Anexo 1 – Protocolo de estágio	68
Anexo 2 – Registo das tarefas diárias.....	74
Anexo 3 – Carta de recomendação	80
Anexo 4 – Excerto relativo a exemplo 2.....	82
Anexo 5 – Excerto relativo a exemplo 3.....	83
Anexo 6 – Excerto relativo a exemplo 6.....	84
Anexo 7 – Excerto relativo a exemplo 12.....	85

Anexo 8 – Excerto relativo a exemplo 16.....	86
Anexo 9 – Excerto relativo a exemplo 15.....	87
Anexo 10 – Excerto relativo a exemplo 19.....	88

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

[Porto, 5 de agosto de 2022]

Salomé Pereira Fonseca

Agradecimentos

Aos meus pais, por me apoiarem em todas as decisões e por quererem e terem possibilitado que eu avançasse nos estudos.

Ao José, por me animar nos momentos mais difíceis e me encorajar a chegar ao fim deste percurso.

Às minhas gatas e gato, Lucy, Yuki, Sooni e Pompom, e ao meu cão, Tóquio, que encheram e enchem os meus dias de alegria.

Ao Gabriel, por me motivar a subir na vida e a perseguir os meus sonhos.

À Rute, por me fazer recados nos dias em que tinha menos disponibilidade e me acompanhar em sessões de trabalho.

À Ana, pela ajuda e companhia. No geral, pela amizade.

À Professora Doutora e minha orientadora Joana Guimarães, por ter aceite orientar-me, pela disponibilidade mostrada e por me ter apoiado, esclarecido e ajudado na realização deste relatório e noutras fases do meu percurso académico, já desde a licenciatura.

A todos/as os/as professores/as, amigos/as e familiares que me permitiram evoluir e chegar a este patamar.

Resumo

O presente relatório, enquadrado na unidade curricular “Estágio”, prevista no plano de estudos do Mestrado de Tradução e Serviços Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, visa uma descrição e reflexão do estágio curricular realizado na empresa wisdom GROUP. É, primeiramente, realizada uma descrição do estágio, que passará tanto pela apresentação da empresa, como por uma descrição das tarefas realizadas e do método e recursos utilizados. Posteriormente, é efetuada uma exposição acerca da legendagem (a principal tarefa do estágio e tema deste relatório) e uma análise teórico-prática dos maiores desafios encontrados nesta vertente de tradução. No final, este relatório resultará num enriquecimento da aprendizagem proporcionada por este Mestrado, bem como numa elucidação sobre as escolhas realizadas e melhorias que poderiam ter sido aplicadas. Com isto, caracteriza-se este relatório de estágio como um registo escrito da experiência e mais uma oportunidade de aquisição de novos conhecimentos.

Palavras-chave: Estágio Curricular, Relatório, Tradução, Legendagem

Abstract

This report is a requirement within the curricular unit “Work Placement”, included in the study plan of the Master’s Degree in Translation and Language Services of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto. Its aim is to describe and reflect on the traineeship carried out at the wisdom GROUP company. The report starts with a description of the traineeship, the company and the tasks performed, as well as the method and resources used. It then focusses on interlingual subtitling, which was the main type of translation done during the traineeship and is therefore the subject of this report. This part also offers a theoretical and practical analysis of the major challenges found in this field. The final part reflects on how the traineeship resulted in an enrichment of the knowledge acquired during the Master degree, and describes the choices made and the improvements that could have been introduced. Thus, this report can be regarded as a written record of the work placement experience and an opportunity to gain new knowledge and skills.

Key-words: Work Placement, Report, Translation, Subtitling

Índice de Tabelas

TABELA 1: EXEMPLO 1	37
TABELA 2: EXEMPLO 2	38
TABELA 3: EXEMPLO 3	39
TABELA 4: EXEMPLO 4	43
TABELA 5: EXEMPLO 5	46
TABELA 6: EXEMPLO 6	52
TABELA 7: EXEMPLO 7	53
TABELA 8: EXEMPLO 8	54
TABELA 9: EXEMPLO 9	54
TABELA 10: EXEMPLO 10	54
TABELA 11: EXEMPLO 11	55
TABELA 12: EXEMPLO 12	55
TABELA 13: EXEMPLO 13	55
TABELA 14: EXEMPLO 14	56
TABELA 15: EXEMPLO 15	56
TABELA 16: EXEMPLO 16	56
TABELA 17: EXEMPLO 17	57
TABELA 18: EXEMPLO 18	58
TABELA 19: EXEMPLO 19	58
TABELA 20: EXEMPLO 20	58
TABELA 21: EXEMPLO 21	59

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: TRABALHO REALIZADO.....	14
------------------------------------	----

Lista de abreviaturas e siglas

FLUP FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

IT INTERMEDIATE TEXT

LC LÍNGUA DE CHEGADA

LP LÍNGUA DE PARTIDA

MTSL MESTRADO DE TRADUÇÃO E SERVIÇOS LINGUÍSTICOS

SDH SUBTITLING FOR THE DEAF AND HARD-OF-HEARING

ST SOURCE TEXT

TO TEXTO ORIGINAL

TS TRANSLATION STUDIES

TT TARGET TEXT

Introdução

Este relatório de estágio insere-se no programa curricular do Mestrado de Tradução e Serviços Linguísticos (MTSL) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), mais especificamente, na unidade curricular “Estágio”. O seu principal objetivo é a descrição e análise da atividade realizada durante o estágio curricular efetuado na empresa wisdom GROUP.

A preferência de um estágio curricular a uma dissertação para a conclusão deste ciclo de estudos é fundamentada pela vontade de aquisição de experiência prática. Pretendeu-se aplicar os conhecimentos que foram sendo obtidos durante o Mestrado a situações reais e, desta forma, lidar com os desafios enfrentados diariamente por um/a profissional de tradução. Considerou-se pertinente esta escolha para a aquisição de novos conhecimentos e habilidades relacionadas com a tradução e com a vida profissional em si num novo ambiente profissional envolto em novas situações e obstáculos.

Este trabalho servirá como um registo da experiência e de análise retrospectiva de todas as tarefas e decisões tomadas, proporcionando uma aprendizagem com os erros e um melhor entendimento e fundamentação de alguns casos práticos.

Posto isto, na primeira parte do relatório será apresentada a empresa onde teve lugar a atividade, bem como exposta a quantidade, variedade e o tipo de trabalhos realizados durante os três meses de estágio. Será adicionalmente explicado o processo e os recursos utilizados para os trabalhos desenvolvidos e, no final, feito um pequeno balanço geral do estágio curricular na empresa.

Num segundo capítulo, será feita uma introdução à legendagem, tema que corresponde à atividade mais realizada durante este estágio e à volta do qual se construiu este trabalho.

Para concluir, será efetuada uma análise teórico-prática de alguns desafios de legendagem enfrentados durante esta experiência e com que os profissionais de legendagem lidam no seu trabalho. Optou-se por explorar apenas desafios desta atividade, visto ter sido a mais realizada durante o estágio e despertar particular interesse. Nesta parte do relatório, serão exibidos, fundamentados e discutidos exemplos de traduções concretas realizadas no estágio curricular. Esta análise apresentará igualmente alguns

erros cometidos e alguns casos em que se chegará a uma melhor solução de tradução após uma segunda reflexão. De notar que são muitos mais os desafios associados à profissão de tradutor/a, contudo, foram selecionados os desafios com maior nível de complexidade e com maior recorrência ao longo do estágio.

Capítulo 1: o estágio curricular

1.1. Processo de escolha e apresentação do local de estágio

Começando pela escolha do local de estágio, esta focou-se, inicialmente, em empresas cuja principal atividade fosse a legendagem. Esta área da tradução revelou-se desde cedo cativante, tendo os trabalhos académicos realizados durante o mestrado sido direcionados, sempre que possível, para a legendagem. Como principal área de interesse, era desejável que o primeiro contacto com a profissão de tradução fosse nesse âmbito, para se verificar se é realmente almejado um futuro trabalho em legendagem.

O critério de escolha do local de estágio baseou-se, assim, na incorporação da legendagem como principal atividade da empresa, bem como na possibilidade de trabalho com o alemão – língua estudada desde a licenciatura –, e, se possível, com o inglês, para prática e melhoria dos conhecimentos desta língua.

De entre as empresas contactadas, a wisdom GROUP foi a única que aceitou a realização de uma entrevista com uma posterior resposta positiva à realização do estágio curricular no seio da empresa.

Esta empresa cumpria um dos requisitos da procura pelo facto de ter como principal atividade a legendagem. Infelizmente, e como veremos na apreciação global do estágio, o seu principal par de línguas de trabalho era o inglês-português. A decisão foi tomada com a consciência de que não iria ser muito aplicada a língua estudada na licenciatura e mestrado, o alemão. Contudo, foi dada preferência à experimentação prática de uma área da tradução de maior interesse, em detrimento da utilização da língua de trabalho estudada durante estes anos, contando que, após a entrada no mercado de trabalho, surgirão mais oportunidades para trabalhar com o idioma, enquanto que poderia não voltar a aparecer a oportunidade de trabalhar profissionalmente na área da legendagem.

Além disto, a escolha foi baseada no prestígio da empresa que transparecia pelo seu *website*, nomeadamente, pelas empresas com quem trabalhava, bem como pela entrevista bem-sucedida, que indicava uma compatibilidade com o estágio oferecido e valores da empresa.

Após tratado o processo de envio das informações necessárias para a realização do protocolo de estágio, conseqüente elaboração pela parte da faculdade e recolha de todas as assinaturas necessárias, deu-se início ao estágio curricular.

Apresentando mais detalhadamente a instituição que me acolheu durante este período académico, esta foi, como já referido, a wisdom GROUP (com o nome fiscal de Wisdom Constellation Lda). A wisdom GROUP é uma empresa fundada em 2014 pelos sócios Dr.^a Sara Araújo Marques e Dr. José Marques. Inicialmente, surgiu apenas com as vertentes de Tradução e de Informática, áreas de trabalho de cada um dos seus fundadores, respetivamente. A Dr.^a Sara era tradutora *freelancer* há mais de 10 anos e o Dr. José tinha 20 anos de experiência em empresas de informática. Apenas mais tarde, a empresa veio a incluir a vertente de Marketing Digital.

Atualmente, tem as suas instalações localizadas na Avenida Fernão de Magalhães, no Porto, e atua com as marcas wisdom IT CONSULTING, wisdom TRANSLATIONS e wisdom IGNITE, respetivamente nas seguintes “(...) 3 áreas fundamentais: A Informática, Traduções e Marketing Digital e Tradicional.” (wisdom GROUP, n.d. 10). Apesar de fazerem parte da wisdom GROUP, cada uma destas áreas opera de forma independente, existindo como empresas individuais, forma como serão referidas ao longo deste relatório.

Os funcionários da empresa estão, desta forma, distribuídos pelas áreas indicadas, à exceção de três pessoas (incluindo o fundador da empresa, o Dr. José Marques) afetas a todas as áreas, com um cargo com funções, entre outras, administrativas e/ou fiscais. Com isto, os funcionários estão organizados nas instalações da empresa pela área em que operam, para uma melhor e mais prática dinâmica no espaço.

O estágio curricular foi realizado na área da tradução, na wisdom TRANSLATIONS. A empresa oferece serviços de tradução, legendagem e interpretação (wisdom TRANSLATIONS, n.d. 11). Era, na altura do estágio, constituída por duas tradutoras *in-house*, a fundadora da empresa, a Dr.^a Sara Marques, e a pessoa que acompanhou o estágio como supervisora, a Dr.^a Renata Soares. Adicionalmente, recorre a tradutores/as *freelancer* para a prestação dos seus serviços.

Durante o período de estágio, a empresa contou também com estagiários nas áreas de Informática e de Marketing Digital, além de duas estagiárias na área de Tradução, ambas do MTSL da FLUP.

A comunicação dos funcionários, bem como dos estagiários da empresa, era feita a partir da plataforma Slack, cujo funcionamento é explicado mais detalhadamente no capítulo relativo a programas e ferramentas utilizados. Todos os ficheiros necessários para algum trabalho de tradução, como *packages* do Trados Studio, eram enviados a partir desta plataforma. Consequentemente, toda a comunicação era efetuada de forma rápida e quase instantânea.

A wisdom GROUP revelou-se um grupo empresarial que preza bastante um bom relacionamento entre os funcionários da empresa. Para promover tal boa relação, eram realizadas reuniões semanais, com vista à identificação de quaisquer problemas que precisassem de ser resolvidos ou necessidades dos/as funcionários/as que precisassem de ser satisfeitas, bem como o nível de motivação e de energia de cada um/a.

Consequentemente, o ambiente na empresa era descontraído e informal, o que propiciou um à-vontade no local de estágio para dar voz a quaisquer problemas ou dúvidas que surgissem.

1.2.Descrição do estágio curricular

O estágio curricular teve a duração de três meses, do dia 1 de fevereiro ao dia 30 de abril, como planeado no protocolo de estágio. Ao todo, foram realizadas 450 horas de estágio, cuja distribuição diária está descrita no anexo 2, que apresenta o registo das tarefas feitas diariamente na empresa.

O estágio foi realizado presencialmente às segundas, quartas e sextas-feiras e remotamente às terças e quintas-feiras, coincidindo com o modo de trabalho da supervisora, Dr.^a Renata Soares. No início, porém, o estágio curricular decorreu *online* durante 3 semanas, devido ao grande número de casos de Covid-19 que se verificavam na empresa, que operava, na altura, remotamente, com as suas instalações físicas fechadas temporariamente.

As línguas de trabalho foram o inglês e o português, sendo que todos os trabalhos foram traduzidos do inglês para o português, à exceção de duas traduções jurídicas, realizadas do português para o inglês.

No primeiro dia de estágio, foi realizada uma reunião *online* com a Dr.^a Renata, para uma explicação mais detalhada do trabalho que iria ser realizado no decorrer do estágio e do funcionamento de alguns programas de legendagem a ser utilizados, além da atribuição de tarefas para esse primeiro dia.

Nesse mesmo dia, foram estudados os guiões de legendagem dos clientes da empresa, com especificações maioritariamente a nível técnico, como, exemplificativamente, o tempo máximo de duração das legendas ou o máximo de caracteres por linha, com prioridade para o guião do cliente a quem pertencia o primeiro trabalho a realizar. Antes de começar um projeto de outro cliente, era sempre revisto rapidamente o seu guião, para lembrar as suas especificações e evitar erros.

Durante o restante período de estágio, foram realizados serviços de tradução de várias áreas, entre as quais tradução jurídica e, maioritariamente, legendagem, sendo esta, como já referido, a principal atividade da wisdom TRANSLATIONS.

Para além da tradução, foram realizados outros serviços linguísticos, como a redação de artigos para o blogue da wisdom TRANSLATIONS e a revisão de um episódio legendado por outra pessoa.

No seguinte gráfico podemos analisar a variedade e o volume de trabalho realizado.

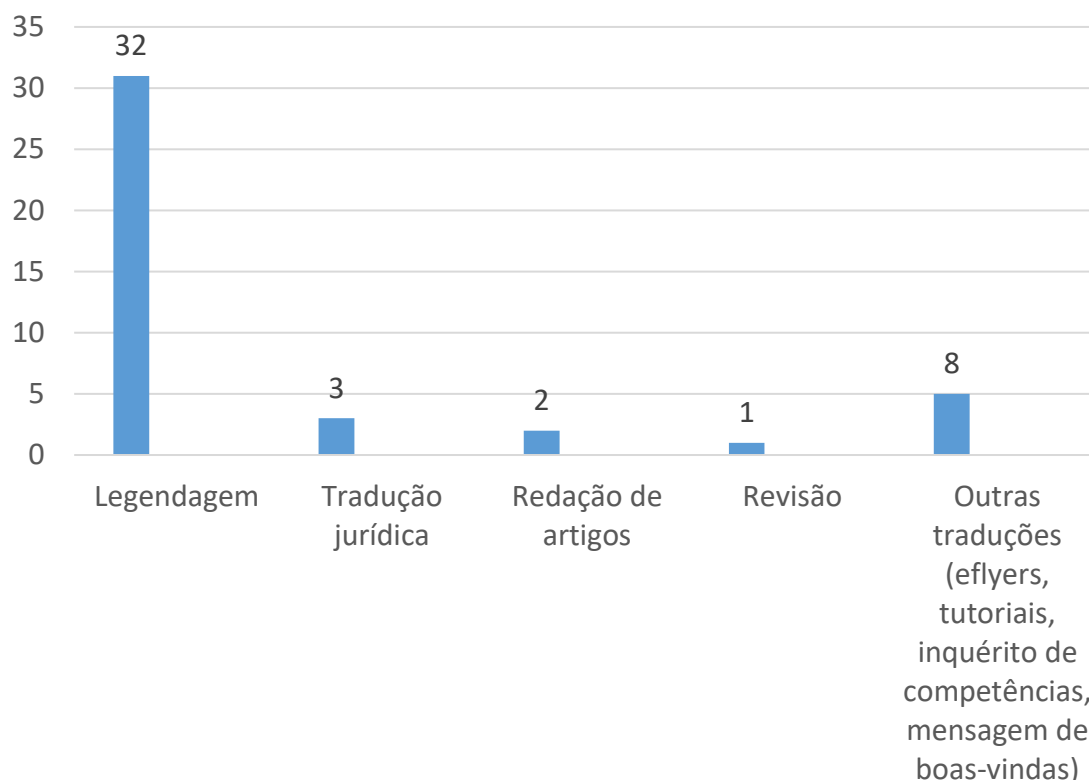


Gráfico 1: trabalho realizado

Como podemos ver pelo gráfico, a legendagem foi a tarefa mais realizada, com, mais precisamente, 32 trabalhos feitos. Ao todo, foram legendados 1125 minutos e 14084 segmentos durante todo o estágio curricular.

O facto de o estágio não incluir apenas serviços de legendagem foi uma grande mais-valia. Não só foi possível experimentar o trabalho de um/a profissional na área de legendagem, como foi possível trabalhar com outras áreas e programas de tradução. Simultaneamente, a variedade de tarefas propiciou um constante entusiasmo. As áreas trabalhadas revelaram-se, inclusivamente, interessantes e, além da grande atração pela legendagem, foi também fomentado um gosto pela tradução jurídica, já procedente da unidade curricular “Comunicação Especializada (Tradução Jurídica Inglês-Português)”.

Mesmo dentro da legendagem, foi possível trabalhar com uma ampla variedade de géneros. Desde a comédia e animação infantil ao drama político, todos os géneros tiveram o seu encanto e a sua parte desafiante no que toca à tradução. O género mais desafiante foi, de facto, o drama político. Além da política ser um tema de particular complexidade,

os episódios continham muita terminologia relacionada com a área e todas as áreas de alguma forma a ela conectadas (como a área de direito, no que toca a protocolos e acordos, por exemplo). Por outro lado, o género que se revelou mais aprazível de traduzir foi a comédia. Apesar de também ter os seus desafios, como as expressões idiomáticas derivadas da utilização de uma linguagem coloquial, era, de facto, o género mais divertido.

No geral, todos os projetos de legendagem tinham um prazo de entrega bastante alargado, pelo que todos foram cumpridos de forma confortável e sem grande pressão de tempo. Por outro lado, os restantes projetos de tradução possuíam prazos mais curtos, alguns deles tendo sido pedidos com urgência. Este prazo era, todavia, sempre viável, permitindo a devida tradução e revisão dos trabalhos, sempre entregues a tempo. Em virtude disto, não foram experienciados prazos demasiado curtos que não permitissem uma rigorosa realização dos trabalhos.

1.3. Processo de tradução

Para a realização das tarefas acima descritas foi adotado um determinado método de trabalho que permitia a sua organização por fases e, assim, uma melhor orientação no seu decorrer. Este capítulo explica melhor este processo aplicado.

Todos os trabalhos começavam por ser atribuídos pela Dr.^a Renata Soares, através da plataforma de comunicação Slack ou oralmente, e, como forma de registo, através do ClickUp (plataformas de comunicação e de gestão de projetos, respetivamente, explanadas no capítulo 1.4, “programas e ferramentas utilizados”).

Assim que um trabalho era atribuído, a primeira etapa consistia na pesquisa de informações, seja acerca do enredo da série/filme – no caso da legendagem –, seja acerca do tipo de documento a traduzir.

Relativamente à legendagem, sendo, na maioria, séries ou filmes já transmitidos, pelo menos, num país de língua inglesa, era quase certo que poderia ser encontrada alguma informação acerca do respetivo enredo e personagens na *Internet*. Esta pesquisa era essencial para o conhecimento do contexto na posterior etapa de tradução, já que permitia entender a história do filme ou da temporada a ser trabalhada e, se fosse o caso, das temporadas anteriores, além da relação existente entre as personagens.

Veremos neste relatório que o entendimento das relações interpessoais facilita a escolha do modo de tratamento na tradução. Além disso, como os episódios de uma série não eram traduzidos todos pela mesma pessoa, esta necessidade tornava-se ainda mais importante, visto que os episódios podiam não ser atribuídos pela ordem de transmissão. Havia, inclusive, casos em que era feita a tradução de um episódio do fim da temporada e, só depois, de um episódio do início. A razão para isto consistia, muitas vezes, na ausência inicial de alguns dos episódios no programa de legendagem, problema explicado posteriormente.

No que toca aos restantes trabalhos de tradução, era feita uma pesquisa de modelos do tipo de documento a traduzir. Temos o caso da tradução de Contratos de Prestação de Serviços (tradução jurídica), em que foi feita uma pesquisa de minutas destes contratos para a identificação da estrutura geral do documento e de vocabulário que pudesse vir a ser útil para aquela tradução em concreto.

Antes de passarmos para a tradução em si, nos trabalhos de legendagem, eram revistos os guiões analisados no primeiro dia de estágio, lembrando as especificações do cliente e evitando erros técnicos. Apesar deste cuidado, alguns dos erros cometidos ao longo do estágio eram concernentes a este aspeto técnico.

Seguia-se a etapa da tradução. Através de ferramentas e programas de tradução e legendagem, era traduzido cada segmento, seja na legendagem ou nas restantes traduções. Ao contrário do que se pode pensar, os títulos não eram traduzidos pelos/as tradutores/as da empresa contratada para os trabalhos de legendagem, neste caso, a wisdom TRANSLATIONS.

Ao longo da tradução, as palavras ou termos desconhecidos eram pesquisados. Mesmo com esta pesquisa, nem sempre se compreendia o significado de alguns segmentos ou se encontrava o significado ou tradução de certas palavras naquele respetivo contexto. Estes segmentos eram deixados para o final da tradução. Este processo revelou-se bastante eficaz, visto que permitia avançar na tradução, ao contrário de se estagnar num determinado segmento. O que acontecia na maioria dos casos era que tal elemento era compreendido mais facilmente no final da tradução. Isto pode dever-se ao facto de, no final, já se ter uma ideia concreta de todo o episódio/ documento e já se entender melhor o significado da palavra, termo ou expressão no contexto em que está inserido, ou por se estar a olhar para o mesmo segmento “com outros olhos”.

Algo que, no início do estágio, atrasou o processo de legendagem, foi a tentativa de redução textual no máximo de segmentos com excesso de caracteres por linha possível, visto que se acreditava que não eram aceites pelos clientes. Contudo, numa das traduções realizadas já presencialmente, na empresa, foi-me esclarecido pela supervisora que, em todas as traduções, eram aceites 30% de segmentos com excesso moderado de caracteres por linha (marcado, nos programas utilizados, com um aviso a amarelo, como será explicado no capítulo 1.4). Não eram, porém, aceites nenhuns segmentos cujo excesso ativasse o aviso vermelho, que representava um excesso de caracteres muito grande. Isto fez com que fosse dispensado muito menos tempo na redução textual nestes segmentos, visto que, muitas vezes, a quantidade de segmentos com excesso moderado de caracteres por linha não ultrapassava a percentagem permitida (30%).

Terminado o processo de tradução e revistos e editados os segmentos com dúvidas ou com excesso de caracteres, era feita uma revisão do episódio completo (simultaneamente com o vídeo ao lado), ou relido todo o documento. Na legendagem, durante esta fase do processo, eram encontrados erros que, sem o contexto proporcionado pelo vídeo, não seriam perceptíveis. Como exemplo, temos falas em que a personagem agradece, sendo utilizado, no caso das mulheres, a palavra “obrigada” e, no caso dos homens, a palavra “obrigado”. Muitas vezes, apenas pelo contexto e sem a visualização do vídeo (principalmente, quando temos um homem e uma mulher a conversar), não é claro quem está a agradecer. Como resultado, foi frequente a tradução de “thank you” por “obrigado”, quando, na verdade, era uma mulher a agradecer (e vice-versa), um erro que apenas é entendido com a visualização do episódio.

Por fim, era comunicada à supervisora a conclusão do episódio, bem como as dúvidas que surgiram durante a realização da tradução. Nos programas cuja tradução era guardada *online*, bastava comunicar a sua conclusão. Já nos programas em que isto não acontecia, eram ainda enviados os respectivos ficheiros de tradução/ o documento final.

O episódio/documento era, então, revisto pela Dr.^a Renata, dando-se, no final disso, por terminada a sua tradução. Finalmente, o projeto era dado por concluído e entregue ao cliente.

Nem sempre foi dado *feedback* dos trabalhos, bem como resposta às perguntas colocadas. Esta situação está exposta com mais detalhe no capítulo 1.5, “apreciação global do estágio”.

1.4. Programas e ferramentas utilizados

Para a realização da tradução durante o processo explicado, foram utilizados vários programas de tradução e legendagem, bem como ferramentas de ajuda à tradução. Neste capítulo serão nomeados e descritos estes programas e ferramentas, para além dos restantes programas utilizados durante o estágio curricular.

Começando pelo já mencionado Slack, este programa foi instalado como meio de comunicação entre os funcionários da empresa. Em virtude da possibilidade de trocar mensagens rápidas, além de imagens e outros ficheiros, foi utilizado para receção e entrega dos documentos dos projetos de tradução. Entrando no *workspace* da empresa, uma espécie de espaço privado da mesma, é possível comunicar com cada funcionário/a por mensagem ou chamada. O programa tem também a funcionalidade de criar canais. No *workspace* da empresa, encontrávamos um canal geral para uma comunicação de grupo entre todos/as os/as funcionários/as.

Para registo das entradas e saídas da empresa, tanto do estágio, para os estagiários, como do trabalho, para os funcionários, era utilizada uma aplicação de pica-ponto. A aplicação permitia a inclusão de comentários em cada marcação.

No início do estágio, foi instalado o programa Anydesk, um programa que permite o acesso remoto a um computador (neste caso, o meu) através de outro, por meio de um código. Como o estágio decorreu *online* nas primeiras semanas, este programa foi utilizado para a instalação de programas de tradução e legendagem. Servia também para eventuais casos em que era necessária a resolução de algum problema informático no computador, em trabalho remoto, por parte dos respetivos profissionais técnicos da empresa.

Para a gestão dos projetos da empresa (pelo menos dos projetos de legendagem, lista a que me foi dado acesso), era utilizada a aplicação *online* Click Up. Nela, era efetuado o registo dos episódios pela supervisora, que posteriormente atribuía cada episódio a uma estagiária. O episódio passava, então, da coluna “To Do” para a coluna “In progress”. Clicando na tarefa, era aberta uma pequena janela com uma função para iniciar e parar a contagem do cronómetro, à medida que ia sendo traduzido o episódio. No final do dia, eram também registados nessa janela os segmentos traduzidos

diariamente. Quando concluído, o episódio era movido para a coluna “Done (Not Delivered)”, para que fosse revisto e, seguidamente, enviado ao cliente.

Para a fase da tradução, foram utilizadas várias ferramentas auxiliares do processo de tradução. Para consulta do significado dos termos, recorreu-se aos seguintes dicionários *online*: para o idioma inglês, os dicionários Merriam-Webster e Cambridge Dictionary; para o idioma português, os dicionários Infopédia e Priberam. No caso dos dicionários Cambridge Dictionary e Infopédia, estes foram também utilizados para consultar a tradução de várias palavras, do português para o inglês e do inglês para o português, no último caso, e do inglês para o português, no primeiro. Também a base de dados Linguee era utilizada para a consulta de sugestões de tradução de algumas palavras, tanto do português para o inglês, como do inglês para o português.

Além disso, foi utilizado o IATE (Interactive Terminology for Europe), a base de dados terminológica da União Europeia, principalmente, em casos de terminologia mais técnica, nomeadamente em traduções jurídicas; e, por fim, o *website* que me foi recomendado pela própria supervisora, o Acronym Finder, que se revelou muito útil, visto que apresentava inúmeros resultados para o possível significado de siglas e acrónimos.

Adicionalmente, foram também utilizados programas de tradução como o SDL Trados Studio, o Memsource (com versão *online*) e um outro programa de um dos clientes, cujo nome não pode ser mencionado, por questões de confidencialidade. Para a legendagem, foram utilizados quatro programas (mais uma vez, desenvolvidos pelos respetivos clientes, pelo que os seus nomes não serão revelados), sendo dois deles de utilização *online* e os outros dois, programas instalados no computador.

Tendo a legendagem sido a principal tarefa realizada durante o estágio curricular e para melhor entendimento dos desafios desta vertente de tradução (capítulo 3), impera analisar com mais detalhe os programas de legendagem utilizados.

A estrutura e funcionalidades dos programas de legendagem era, no geral, bastante semelhante entre eles: no ecrã há uma parte designada para a visualização do vídeo do programa audiovisual (geralmente, com uma qualidade inferior e parcialmente ocultado por uma marca de água, evitando a sua divulgação sem consentimento); uma parte com os segmentos em português e inglês lado a lado, sendo que alguns mostravam o segmento a ser editado em separado, normalmente na parte de baixo do vídeo; há, igualmente, uma

parte com um visualizador de áudio, que representa o som através de ondas, o qual nunca foi utilizado, sendo que todas as tarefas relacionadas com a duração, início e fim das legendas não eram responsabilidade do/a tradutor/a da empresa (ler mais sobre o processo e as tarefas envolvidas na legendagem no capítulo 2.2); encontramos ainda, normalmente no cimo do ecrã, as opções de entrega da tradução e as definições, com funcionalidades como a revisão linguística e a visualização mais lenta ou mais rápida do vídeo, entre outras.

Todas as legendas apresentavam o nível de preenchimento das linhas pelos caracteres, através de uma cor, determinando essa cor se era excedido ou não o limite de caracteres por linha. Nos programas utilizados, existiam quatro cores: o verde escuro, para quando o limite de caracteres por linha estava muito longe de ser excedido; o verde claro, quando os caracteres eram mais que no caso do verde escuro, mas ainda não excediam o limite; o amarelo/laranja, que significava que o limite tinha sido excedido, apesar desta cor ser permitida em 30% dos segmentos, como já vimos; e o vermelho, que não era permitido na entrega da tradução ao cliente, significando que o limite era excedido excessivamente. Isto será bastante importante para entender o capítulo 3.3 – a redução textual na legendagem – visto que a redução textual é necessária essencialmente, mas não exclusivamente, pelo excesso de caracteres por linha.

Todos os programas possuíam uma funcionalidade que abria uma janela com os segmentos com excesso de caracteres e apresentava um sinal de alerta caso os 30% permitidos de segmentos com aviso amarelo tivessem sido ultrapassados. Isto revelou-se bastante útil, caso contrário, o/a tradutor/a teria de fazer a contagem manualmente, o que levaria muito mais tempo. Além desta, no final da tradução do episódio ou filme, era sempre utilizada a funcionalidade que permitia verificar a presença de erros ortográficos.

No primeiro programa de legendagem utilizado (considerado o mais completo e intuitivo), os erros técnicos eram marcados no respetivo segmento, bem como a existência de elementos como texto em itálico. Isto é extremamente útil, facilitando o trabalho do/a tradutor/a e tornando o processo de tradução muito mais rápido.

Por último, as teclas de atalho dos programas de legendagem eram, no geral, as mesmas, o que facilitou o seu processo de aprendizagem e memorização. Para passar de

uma legenda para a outra, por exemplo, bastava utilizar a tecla *tab*, atalho que coincidia em todos os programas utilizados.

1.5. Apreciação global do estágio

Em forma de conclusão deste capítulo, o estágio curricular revelou-se, no geral, uma experiência positiva. Contudo, como tudo na vida, esta experiência foi feita de pontos fortes e pontos fracos, que serão apresentados nesta parte do relatório.

Por um lado, e começando pelos pontos fracos, sentiu-se uma falta de *feedback* dos trabalhos realizados, ao longo do estágio. Apesar de no início do estágio ter sido recebida uma pequena avaliação inicial dos projetos até aí realizados, juntamente com a resposta às dúvidas que até aí surgiram, a partir daí, as perguntas sem resposta acumularam-se até ao final do estágio, a não ser que fossem feitas oralmente na hora, o que nem sempre era possível, pois a supervisora compreensivelmente nem sempre tinha disponibilidade para tal. Perante esta falta de resposta, no final do estágio, foi solicitada resposta a uma compilação das dúvidas mais significativas e mais persistentes ao longo do estágio. Esta foi concedida, pelo que, no final, a maioria das dúvidas ficaram efetivamente respondidas. No entanto, considero que foi um elemento que fez falta ao longo do estágio, já que fazia com que as mesmas dúvidas permanecessem de um trabalho para o outro (por exemplo, palavras cujo significado não fora totalmente entendido).

Além disto, o estágio não compreendeu nenhuma tarefa que envolvesse a língua alemã. Apesar de este estágio ter sido aceite nesta empresa com a consciência de que esta língua não iria ser muito trabalhada, acabou por não ser utilizada de todo. Todavia, a candidatura ao estágio foi feita com vista a experimentação da área da legendagem em detrimento da utilização do alemão, como já explanado, visto que pareceu ser uma oportunidade única de trabalhar e avaliar o meu gosto pela área.

Passando aos pontos positivos do estágio, estes tiveram definitivamente mais peso na balança. Como já entendemos, a área mais trabalhada – a legendagem – é, definitivamente, uma área de grande interesse na tradução. Além disso, confirmou-se igualmente o gosto pela tradução, no geral, e o gosto emergente pela tradução jurídica. Tudo isto tornou as tarefas do estágio bastante agradáveis e o estágio em si muito apreciado. Entendemos, adicionalmente, que foi possível a experimentação de vários tipos de tradução.

Adicionalmente, apesar de não ter sido utilizado o alemão, o inglês, uma língua de grande interesse desde há muito tempo, foi passível de treino e aprimoramento. Foram aprendidas expressões idiomáticas e vocabulário novo deste idioma.

Por fim, a vasta utilização de ferramentas de tradução, entre outros programas, expandiu definitivamente o meu conhecimento. Foi possível conhecer novos programas, como os de legendagem, bem como praticar a utilização de programas já lecionados durante o Mestrado, nomeadamente o Trados Studio, utilizado na unidade curricular “Informática de Tradução”.

Capítulo 2: a legendagem

2.1. Tradução audiovisual

A legendagem foi, então, a atividade mais realizada durante este estágio curricular. Assim sendo, para melhor compreensão desta vertente da tradução, este capítulo procurará descrever esta atividade e as suas peculiaridades.

Antes de entendermos o que é a legendagem, impera entender o que é a tradução audiovisual. Apesar de recente, esta vertente da tradução tem vindo a expandir-se e a ganhar uma crescente popularidade ao longo dos anos. Segundo Remael (2010, p.12), a tradução audiovisual deixou de ter um lugar periférico (“Audiovisual Translation (AVT) (...) has moved from the field’s periphery to its centre over the past two decades”).

As primeiras formas de tradução audiovisual remontam aos inícios do cinema, ainda antes dos filmes com som. “During the silent-film era, intertitles had to be translated and/or interpreted and soon after, with the beginning of films with sound, subtitles and (later) dubbing were absolutely necessary” (Pardo, 2013, p. 20). Os intertítulos (ou entretítulos), no cinema mudo, eram elementos que descreviam algumas ações ou partes da história, e que, portanto, necessitavam de uma tradução, como explica Xavier (2013, p. 73):

“(...) os intertítulos, formas incipientes de legendas, que eram inseridos entre os fotogramas para narrar algumas ações das personagens. Assim, o espectador não via apenas as imagens com movimento, lia paralelamente informação sumária sobre o evoluir da história, sendo necessário que estas legendas intermédias fossem traduzidas.”

Seguidamente, com o surgimento dos filmes com som, as legendas emergiram como uma necessidade. O mesmo aconteceu com as dobragens. Com o final da Primeira Guerra Mundial e a proliferação de conteúdo norte-americano (nomeadamente, os filmes), alguns países começaram a apostar nesta forma de tradução audiovisual, como modo de proteção da sua cultura (Xavier, 2013, p. 73).

A enorme evolução tecnológica e digital que teve lugar a partir dos anos 90 deu também origem à proliferação do conteúdo audiovisual. Remael (2010, p. 12) enumera os fatores que desenvolveram a indústria: “(...) the globalisation of AV distribution and production systems, the financial integration of TV broadcasting companies and the film industry, digitization (...), and related technological developments such as expansion of the Internet and proliferation of on-the-go gadgets (...)” Este conteúdo começou a ser muito mais facilmente disponibilizado pelo mundo e a sua necessidade de tradução cresceu simultânea e consequentemente.

A partir daí, cada vez mais formas de tradução audiovisual foram surgindo, dando origem ao variado leque em expansão que temos hoje nesta forma de tradução, com a legendagem e a dobragem no centro.

“Audiovisual translation had not been truly considered a part of the discipline of TS [Translation Studies] until that time. However, new approaches arose as a consequence of the eager interest that cinematographic texts had caused in recent years, and the need to translate (subtitle and/or dub) these texts.” (Pardo, 2013, p. 20)

Exatamente por englobar tantos modos de tradução audiovisual, vários foram os termos propostos para denominar esta área, sendo “tradução audiovisual” (em inglês, “audiovisual translation”) o mais comumente utilizado nos dias de hoje. “This term refers to the different components involved in the type of text under scrutiny, and though it does not explicitly point to the interactive component of multimedia, it does not exclude it either” (Remael, 2010, p. 14).

A tradução audiovisual consiste, de um modo geral, numa forma de tradução em que a dimensão verbal é apenas um dos aspetos envolvidos no processo, englobando também elementos visuais – a imagem, o texto escrito, etc. – e auditivos – a música, o diálogo, etc. – (Cintas, 2010, p. 344). Isto torna-a uma área da tradução especialmente desafiante.

A nível de linguagem, temos dois métodos de tradução audiovisual: no primeiro, o conteúdo oral mantém-se oral, sendo transformado numa tradução oral em que o diálogo

original pode ou não ser ouvido (como na interpretação ou na dobragem, respetivamente); no segundo, o diálogo original é transformado em texto escrito (Cintas e Orero, 2010, p. 441).

2.2. Legendagem

A legendagem encaixa-se no último método, sendo que o diálogo do conteúdo é traduzido e apresentado em texto escrito.

Vejam a definição de legendagem dada por Cintas (2010, p. 344):

“By way of definition, subtitling consists in rendering in writing the translation into a TL of the original dialogue exchanges uttered by the different speakers, as well as of all other verbal information that is transmitted visually (letters, banners, inserts) or aurally (lyrics, voices off).”

A legendagem abrange, portanto, não só na tradução em si, mas todo o processo (explicado no final deste subcapítulo), desde a transcrição do diálogo original, a aspetos mais técnicos, como a sincronização das legendas.

Cintas e Remael (2021, pp. 11-30) distinguem vários tipos de legendagem, classificando-os através de parâmetros linguísticos, do tempo disponível para preparação e de parâmetros técnicos. Passemos a analisar cada um deles.

A nível linguístico, distingue-se a legendagem intra e interlinguística. Resumidamente, a legendagem intralinguística ocorre sempre dentro do mesmo idioma e a legendagem interlinguística envolve a tradução de uma língua de partida (LP) para uma língua de chegada (LC). Dentro da primeira categoria, destacamos a legendagem para pessoas surdas e com deficiências auditivas (SDH – “Subtitling for the Deaf and Hard-of-Hearing”). Na segunda categoria, destacamos a legendagem bilíngue, utilizada em países em que são faladas duas ou mais línguas, como na Suíça.

Quanto ao tempo disponível para preparação das legendas, distinguem-se as legendas realizadas antecipadamente (*pre-prepared* ou *offline*) e as legendas realizadas no momento em que o conteúdo está a ser transmitido (*live/ real-time* ou *online*). A grande desvantagem do segundo modo em relação ao primeiro é que, enquanto no primeiro se dispõe de mais tempo para preparar e realizar as legendas, no segundo a tradução tem de ser realizada no momento, o que resulta numa maior percentagem de erros e gralhas. Recorre-se às legendas *online*, exemplificativamente, em eventos desportivos.

Na distinção feita a nível de parâmetros técnicos, temos as legendas abertas e as legendas fechadas. As legendas abertas não são dissociáveis da imagem, pelo que o/a espectador/a não tem outra opção se não visualizar o programa audiovisual com as legendas. As legendas fechadas, por sua vez, podem ser ativadas ou desativadas, como no caso das legendas do YouTube.

Neste estágio curricular foi trabalhada a legendagem interlinguística (do inglês para o português e vice-versa), com legendas abertas e realizadas *offline*.

No geral, as legendas são dispostas horizontalmente no fundo e centro do ecrã (Cintas, 2010, p. 344), de forma a interferir o menos possível com a imagem (Cintas e Remael, 2021, p. 94). Esta prática não se aplica a alguns casos específicos, como no caso de músicas, em que as legendas são comumente apresentadas à esquerda do ecrã, ou quando a LC é o japonês, cuja forma de escrita permite a apresentação das legendas verticalmente (Cintas, 2010, p. 344).

Normalmente, são exibidas, no máximo, duas linhas de legendas. O máximo de caracteres por linha rondava, tradicionalmente, os 37, porém o surgimento de novos tipos de letra com uma largura variável permitiu a inclusão de mais caracteres no mesmo espaço, levando esta norma a perder um pouco a sua força (Cintas e Remael, 2021, pp. 97-99).

A nível de duração, as legendas têm de ter uma duração mínima e máxima que permitam ao/a espectador/a uma leitura confortável das legendas (mediante a sua velocidade de leitura), sem que lhe escape nenhuma informação, nem que tenha tempo de ler a mesma legenda duas vezes. Adicionalmente, têm de estar sincronizadas temporalmente com o período de tempo do diálogo original. Cintas (2010, p. 344) refere o seguinte: “the time a subtitle stays on screen depends both on the speed at which the original exchange is delivered and on the viewers’ assumed reading speed”.

O tempo mínimo de duração deve ser de um segundo, para que os nossos olhos tenham tempo suficiente para registar a presença da legenda (Cintas, 2010, p. 345). O tempo máximo de duração segue, normalmente, a tradicional regra dos seis segundos (“six-second rule”). Esta regra dita que, para duas linhas cheias com 37 caracteres cada, a duração máxima da legenda deve ser de seis segundos: “(...) an average viewer can comfortably read in six seconds the text written on two full subtitle lines, when each line contains a maximum of some 37 characters, i.e. a total of 74 characters” (Cintas e Remael,

2021, p. 109). É necessário ter sempre em conta que, para além de ler as legendas, os/as espectadores/as têm de ter tempo para visualizar o vídeo conjuntamente.

Estes valores têm vindo, no entanto, a ser questionados e muitos profissionais consideram, inclusivamente, que esta regra dos seis segundos representa uma baixa velocidade de leitura: “(...) there is apparently a general consensus in the profession that the 6-second rule dictates a rather low reading speed” (Cintas, 2010, p. 345). Com a crescente exposição que temos a conteúdo legendado, principalmente os/as jovens que crescem com legendas, não seria incomum que a velocidade de leitura fosse maior do que em épocas passadas, em que a legendagem era mais rara. Podemos entender, com isto, que existem vários fatores que influenciam a velocidade de leitura dos/as espectadores/as.

Um dos fatores que influencia a velocidade de leitura é o meio de transmissão do conteúdo. A televisão, por exemplo, tem um espectro de espectadores/as muito mais variado, pelo que se deve ter em conta as capacidades de leitura de todos/as os/as indivíduos/as (Cintas e Remael, 2021, p. 107). Ao mesmo tempo, a capacidade de concentração é muito menor em casa, considerando que, muitas vezes, estamos simultaneamente a fazer outra tarefa ou a falar com alguém, do que no cinema, em que o ambiente escuro e silencioso quase não permite distrações¹. No caso do conteúdo das plataformas de *streaming* (um dos modos de transmissão preferidos atualmente), apesar de ser quase sempre visualizado em casa, tal como a televisão (implicando mais distrações), temos a funcionalidade de pausar e retroceder o vídeo as vezes que desejarmos.

Outro fator que pode determinar a velocidade de leitura do/a espectador/a é a familiarização com legendas. Quanto mais familiarizada uma pessoa estiver com conteúdo legendado, maior será a sua velocidade de leitura (Cintas e Remael, 2021, p. 107). Por isso, nos países em que a legendagem é mais comum do que a dobragem, a velocidade de leitura é, no geral, maior do que nos países que priorizam a dobragem, como afirma Weber (2008, p. 25): “so sind die Zuschauer skandinavischer Länder an

¹ “Darüber hinaus wird das Kinopublikum in der Regel durch nichts abgelenkt, im Gegensatz zu dem Publikum, welches zu Hause vorm Fernseher sitzt” (Weber, 2008, p. 26) – Para além disso, o público das salas de cinema não é, por norma, distraído por nada, ao contrário do público sentado em casa, em frente a televisão (tradução da autora).

Untertitel gewöhnt, während in Ländern wie Frankreich und Deutschland Untertitel zumindest im Fernsehen noch immer eine Ausnahme bilden”².

Prosseguimos com o grau de complexidade das legendas. Se o vocabulário ou sintaxe utilizados forem complexos, a velocidade de leitura dos/as espectadores/as será menor, pois demorarão mais tempo a processar as frases (Cintas e Remael, 2021, p. 107).

O interesse dos/as espectadores/as pelo assunto também será um fator decisivo (Weber, 2008, p. 26). Quanto mais interesse suscitar o tema do programa audiovisual no/a espectador/a, maior será a sua atenção e, conseqüentemente, maior a sua velocidade de leitura. Além disso, quanto mais familiarizado estiver com o assunto, o seu conhecimento acerca do mesmo facilita uma leitura mais rápida.

Por último, a idade tem também influência neste aspeto (Weber, 2008, p. 25). A título de exemplo, num dos guiões disponibilizados pelos clientes para a empresa onde foi realizado o estágio, a velocidade de leitura geral definida para o seu público-alvo era notavelmente mais baixa do que a definida pelos restantes clientes. Isto graças à idade dos/as espectadores/as expectáveis. O conteúdo transmitido era de cariz infantil, pelo que os/as espectadores/as seriam maioritariamente crianças e precisariam de mais tempo para ler as legendas confortavelmente.

Agora que entendemos melhor as regras gerais da legendagem, reparemos no seu processo.

Como verificámos no capítulo 1.3, durante o estágio foi apenas realizada a tradução das legendas, já devidamente divididas e com os respetivos tempos de entrada e de saída definidos no programa de legendagem. Contudo, o processo completo de legendagem passa por outras etapas para além da tradução, que nem sempre são realizadas pelo/a tradutor/a.

Sánchez (2004, p. 10) distingue os seguintes quatro métodos de legendagem, cada um com três fases: “1. Pre-translation – Adaptation – Spotting; 2. Pre-translation – Spotting – Adaptation; 3. Adaptation – Spotting – Translation; 4. Translation/Adaptation

² Deste modo, os espectadores dos países escandinavos estão mais habituados às legendas, enquanto que, em países como a França e a Alemanha, a legendagem, pelo menos na televisão, continua a constituir uma exceção (tradução da autora).

– Spotting”. Resumidamente, a pré-tradução é a tradução da lista de diálogos antes da criação das legendas; a adaptação é a separação e ajuste desta pré-tradução em legendas; *spotting* é a definição dos códigos de entrada e saída das legendas (Sánchez, 2004, p. 9).

Cintas e Remael (2021, p. 37) distinguem, mediante a fase da legendagem que fica ao seu encargo, três profissionais envolvidos no processo de legendagem: o/a *spotter*, que cria os chamados *templates* com as devidas anotações, definindo igualmente os tempos de entrada e saída das legendas, e que tem capacidade de lidar com questões técnicas, como a mudança de cenas, que deve ser tida em conta nesta tarefa; o/a tradutor/a, que traduz o texto com os seus conhecimentos das línguas e respetivas culturas; e, por fim, o/a adaptador/a, que converte a tradução em legendas e está familiarizado com estratégias de redução textual.

Cintas e Remael (2021, p. 37) defendem o seguinte: “(...) adaptors are gradually disappearing from the subtitling profession, and their tasks are being subsumed by that of the subtitler”. Era exatamente isto que se verificava no estágio, como constatámos: o/a próprio/a tradutor/a realizava a tradução diretamente no programa de legendagem e tratava, paralelamente, de reduzir e adaptar o texto ao espaço e tempo de legenda disponíveis. Isto significa que o guião de diálogos era previamente dividido em legendas e os seus códigos de entrada e saída eram definidos no programa antes de ocorrer a tradução.

No final, ao/à tradutor/a já chegava um *template* com os tempos de entrada e saída das legendas devidamente definidos no programa de legendagem e com a versão original inglesa, por vezes acompanhada de algumas anotações relativas a nomes ou a siglas e acrónimos para auxílio do/a tradutor/a. “Como esta lista disponibilizada em suporte digital corresponde a uma sequência de legendas, às quais já está atribuído o ‘time code’ de entrada e de saída do ar, ao tradutor cabe somente a tarefa de tradução interlinguística de cada legenda (...)” (Rosa, 2009, p. 106). As etapas mais técnicas relativas à criação e sincronização das legendas eram realizadas por outro/a profissional, que não o/a tradutor/a da empresa.

Capítulo 3: desafios da legendagem – análise teórico-prática

3.1. Humor

Passando aos desafios enfrentados nas tarefas de legendagem, apesar de a comédia (género de muitas das séries trabalhadas) ter sido o género mais agradável de traduzir durante o estágio, comportou também grandes desafios.

Este é certamente um dos maiores desafios, não só da legendagem, mas da tradução em si, e são inúmeras as teorias e estudos realizados sobre o tema (Vandaele, 2010, p. 148). Deste modo, o objetivo deste subcapítulo não é (nem conseguiria ser) uma análise aprofundada e detalhada de todas estas teorias do humor, mas sim uma explanação teórica suficiente para possibilitar uma reflexão crítica de alguns casos práticos desafiantes concernentes ao tema que surgiram no decorrer do estágio.

O humor é, logo à partida, algo difícil de definir. Isto advém do facto de o humor ser algo muito subjetivo: “(...) o humor/cómico é um conceito marcado pela subjectividade e pelo relativismo (...)” (Veiga, 2006, p. 196). O que alguém considera humorístico pode não o ser para outra pessoa.

Mesmo o riso, muitas vezes considerado a sua principal característica, não é algo exclusivo de uma situação humorística – a título de exemplo, o riso provocado pelas cócegas não surge de uma situação humorística (Veiga, 2006, p. 202) – pelo que não podemos definir o humor como algo que faz as pessoas rir. Apesar de ser um ato relacionado com o humor, rir constitui apenas um efeito e não a origem do humor: “(...) humor is not just laughter. It is laughter that has been captured as a useful response to uncertainty, surprises, and insights constructed by our symbolic mind (...)” (Vandaele, 2010, p. 148).

Para entendermos melhor o humor, analisemos de forma resumida as 3 principais teorias clássicas relativas às suas causas e aos sentimentos que provoca: a teoria da superioridade, a teoria da incongruência e a teoria da libertação.

Começamos pela teoria da superioridade: “the originator of this theory, seventeenth century English philosopher Hobbes, believes that ‘laughter is a kind of sudden glory’; adding that we laugh at other people’s misfortunes, at our follies, and also at our unexpected successes” (Ajabbad, 2019, p. 18). Por conseguinte, esta teoria afirma que o

humor aumenta a autoestima das pessoas, criando nelas um sentimento de superioridade (Cintas e Remael, 2021, p. 219). Além disso, conforme teoria da superioridade, o humor acentua as diferenças entre dois determinados grupos (o que é o alvo da piada e o que faz a piada). “Humor (...) exploits, confirms or creates inclusion (or in-groups), exclusion (out-groups), and hierarchies between persons (between comprehenders and non-comprehenders, between “normal” and “abnormal” persons, etc.)” (Vandaele, 2010, p. 148).

Já a teoria da incongruência prevê uma incongruência entre uma resposta/ato expectado com base nas regras da lógica e a resposta/ato que realmente ocorre na situação humorística: “esta teoria vem afirmar que o humor é derivado da incongruência ou disjunção entre a realidade e o cenário propriamente cómico” (Jerónimo, 2015, p. 53). A surpresa criada por esta incongruência é o que caracteriza a situação humorística nestes casos. Esta situação, contudo, não é totalmente desprovida de lógica: “besides a setting-up of expectations and a flouting, there is a ‘solution’ to the unexpected situation or message. (...) Despite its perceived incongruity, the humor is also congruous (understandable) in a different way” (Vandaele, 2010, p. 148).

Por último, a teoria da libertação defende que o humor é uma forma de aliviar a pressão e o *stress* acumulados (Cintas e Remael, 2021, p. 219). “Normalmente, esta libertação surge de forma espontânea e é expressa através do riso” (Jerónimo, 2015, pp. 56-57). A energia libertada provém, geralmente, de sentimentos considerados inadequados: “na libertação dessa energia, os indivíduos experimentam actos de riso porque os seus pensamentos habitualmente proibidos foram agitados pela situação ou discurso cómicos” (Jerónimo, 2015, p. 57).

“These three classical theories’ priorities do not exclude each other nor are they, themselves, sufficient conditions for humour to occur” (Cintas e Remael, 2021, p. 219). Podemos, assim, dizer que, muitas vezes, estas teorias se complementam numa situação humorística.

Sendo algo tão complexo, muitos autores consideram mesmo o humor intraduzível (Cintas e Remael, 2021, p. 217; Vandaele, 2010, p. 149), fundamentalmente pela sua natureza subjetiva. Veiga (2006, p. 253) defende que “(...) o que é humorístico não é universal (ao contrário do riso); o que é humorístico produz efeitos diferentes em

indivíduos diferentes; o que é humorístico difere de indivíduo para indivíduo (...). Então como poderá o/a tradutor/a ultrapassar este desafio?

O primeiro passo passa por detetar o humor. Para analisar o humor e ponderar traduzi-lo (e, se sim, como traduzi-lo), é preciso identificar a situação humorística, o que nem sempre é fácil.

Numa das séries traduzidas, o uso do “riso enlatado” (como lhe chama Veiga, 2006, p. 7) marcava o momento cómico. Este termo designa “(...) uma faixa de risos pré-gravado inseridos na pós-edição (...)” (Chorão, 2017, p. 92). Este elemento auditivo é, por um lado, de grande auxílio, porque facilita o trabalho do/a tradutor/a na identificação do humor. Por outro lado, “(...) o Riso Enlatado vai implicar a sua replicação no texto de chegada” (Chorão, 2017, p. 93). Se esta replicação não for cumprida no momento certo, o público não entenderá a piada. Isto obriga à sua sincronia com o riso enlatado.

Se este riso enlatado não existir, a identificação do humor é da responsabilidade do/a tradutor/a e vai depender do seu sentido de humor, do seu contexto cultural e conhecimento do mundo (Cintas e Remael, 2021, p. 221).

Uma particularidade do humor que o denuncia mais facilmente é a enorme quantidade de recursos linguísticos de que faz uso. Isabel Ermida (2003) apresenta uma lista volumosa destes recursos distribuídos por duas categorias nas quais os subdivide: manipulações formais e manipulações semânticas.

“Dentro das manipulações formais, a autora (*idem*: 68-86) inclui o trocadilho fonético e homofónico, o mimetismo (decalque parcial das palavras à imagem de outras, seja por homomorfismo – formas idênticas –, seja por alomorfismo – formas variantes), os recursos fónico-estilísticos (ritmo, rima, aliteração e assonância); jogos grafológicos (exploração da multiplicidade fonética das palavras), morfológicos (neologismos e amalgamagem interlexical) e a ambiguidade sintáctica (estruturas frásicas analisáveis de mais de uma maneira e ambiguidade de classes ou de categorias morfológicas). Relativamente às manipulações semânticas (*idem*: 86-110), a autora contempla a inversão

paradigmática, o trocadilho lexical/semântico (homonímia e polissemia) gerador de ambiguidade, os conjuntos e escalas (sinonímia, antonímia, hiponímia, ironia e hipérbole), os mecanismos de deslocamento (parassignificação – um significado paralelo, desviado ou deslocado – deslocamento entre o sentido literal e o metafórico, conotativo), as irregularidades lógicas (inversão das expectativas e jogos de lógica), o absurdo (negação da lógica, mas com resolução impossível na sua incongruência) e os mundos possíveis (criados ficcionalmente).” (Veiga, 2006, p. 100)

Após identificar a piada, o/a tradutor/a deve considerar traduzi-la ou não, tendo em conta o seu propósito no texto: “(...) identifying to what extent the humour in question is part of the texture of the film and therefore crucial for the diegesis” (Cintas e Remael, 2021, p. 221).

Tomando a decisão de a traduzir, o/a tradutor/a deve preocupar-se em entender como vai realizar esta tradução. Nesta fase, pode considerar, por exemplo, as seguintes questões: “is it important for the joke to be close to the original? Is a faithful translation required or can/should the joke be replaced by a different equivalent one?” (Cintas e Remael, 2021, p. 222). Nem sempre é necessário o/a tradutor/a reproduzir o conteúdo da piada original e nem sempre será possível, devido às diferenças existentes entre as línguas.

Chegando ao final do processo pelo qual passará o/a tradutor/a na identificação e entendimento do humor, vejamos agora três exemplos dos casos mais desafiantes encarados no estágio curricular, relativos precisamente a este tema. Todos os exemplos pertencem a episódios de séries de comédia, pelo que podemos partir do princípio de que as piadas são efetivamente intencionais e prioritárias na tradução.

Começamos com um caso em que não foi possível uma tradução literal, sendo inevitável uma tradução mais livre.

F: ³ Well, we could go <u>antiquing</u> .	Podíamos ir às antiguidades.
K: You know what?	Sabes que mais?
F: I'm not one of those people for whom antique is a verb.	Não sou uma pessoa muito de antiguidades.

Tabela 1: exemplo 1

Neste exemplo, estamos perante um verbo que nem todos/as reconhecem: o verbo “antique”, com origem no adjetivo com a mesma forma, “antique”. O dicionário Cambridge Dictionary (n.d. 1), exemplificativamente, apenas apresenta “antique” como um nome e um adjetivo, mas não como um verbo; em contrapartida, o dicionário Merriam-Webster (n.d. 7) já o considera um verbo, definindo-o da seguinte forma: “to shop around for antiques.” Em português, apenas temos o adjetivo “antiguidade”, pelo que esta piada nunca poderia ser traduzida literalmente.⁴

O objetivo desta parte do episódio era criar uma situação humorística através do contraste da grande paixão que o casal parecia sentir durante todo o episódio, com esta situação final, em que, começando a conhecer-se melhor, se apercebem que não têm nada em comum. Por conseguinte, não era importante o facto de a mulher não considerar “antique” um verbo, mas sim mostrar a diferença de personalidades.

Não tendo sido encontrado nenhum verbo da língua portuguesa que permitisse a mesma situação, optou-se por mostrar esta diferença através da recusa de uma proposta de atividade conjunta, por diferença de interesses. A tradução mantém, todavia, a ação de “ir às antiguidades”.

Nos dois seguintes exemplos, é possível observar um caso de cada uma das categorias de recursos linguísticos em cima identificadas: uma manipulação semântica (exemplo 2) e uma manipulação formal (exemplo 3).

³ Inicial do nome da personagem que diz a fala.

Por questões de confidencialidade, o nome das personagens não é divulgado neste relatório, sendo utilizada apenas a sua inicial ou a denominação “personagem 1” (e por aí adiante).

⁴ Após posterior ponderação, foi identificado o verbo “feirar” – “comprar na feira” (Infopédia, n.d. 4) – como uma outra opção válida. Apesar de existir, este verbo não é conhecido por todos/as.

Neste primeiro exemplo, está presente um trocadilho semântico – a polissemia⁵.

F: -All right, you are on.	- Soa bem.
R: -No, you are.	-Não, tu é que tens de soar.

Tabela 2: exemplo 2

O adjetivo “on”, no segmento original, é utilizado com dois significados diferentes em cada linha. Antes de confirmarmos estes significados, entendamos melhor o contexto da situação, começando pelas profissões das personagens. A personagem que diz a primeira fala⁶ é locutora de rádio e a que diz a segunda fala é a sua assistente técnica. Esta cena passa-se dentro da estação de rádio, durante uma parte do programa que não solicita a interação com o público por parte do locutor. As personagens acabaram de fazer uma aposta (verificar aposta no excerto do episódio incorporado no anexo 4).

Na primeira linha, “on” equivale a “intended, planned”, significando que a personagem alinhou no desafio; já na segunda linha, o adjetivo equivale à definição “taking place or being broadcast” (Merriam-Webster, n.d. 8), significando que está na altura de o locutor de rádio voltar à sua transmissão em direto. Em português, os significados aqui representados por “on” equivaleriam, respetivamente, a “alinhar” e a “estar no ar”, pelo que não era possível repetir a piada com os mesmos significados.

Como solução, optou-se pelo verbo “soar”, fazendo também uso da sua polissemia. Este verbo tanto pode significar “convir; agradar”, como “emitir som” ou “fazer-se ouvir” (Infopédia, n.d. 6). Na primeira linha, o verbo foi utilizado relativamente à aposta, significando que a aposta agrada ao locutor; na segunda linha, foi utilizado com o sentido de que o locutor de rádio teria de soar bem na sua transmissão em direto.

Por último, temos um exemplo com um recurso fónico-estilístico, a aliteração⁷.

⁵ “Existência de vários sentidos possíveis de uma palavra ou locução (por exemplo, a palavra «casa», que pode designar um edifício, um estabelecimento comercial, uma família, uma das divisões da tabuada, etc.)” (Infopédia, n.d. 5).

⁶ Quando, numa só legenda, temos a fala de duas personagens diferentes, cada fala é marcada por um travessão: “in the standard way of indicating that the onscreen texto is a dialogue exchange, each of the lines is preceded by a hyphen (...)” (Cintas e Remael, 2021, p. 124).

⁷ “Recurso estilístico que consiste na repetição das mesmas letras, sílabas ou sons, na mesma frase (exemplo: o vento move as árvores e voam as folhas)” (Infopédia, n.d. 2).

D: <u>b</u> ecause your <u>b</u> loody <u>b</u> ig <u>b</u> iscuits <u>b</u> roke the <u>b</u> lade.	pois a porcaria dos seus biscoitos enormes partiram a lâmina.
S: That's a lot of "B" words for a little girl.	São muitas palavras com "p" para uma menininha.
S: -Here's one you forgot. D: -Don't you dare!	- Cá está uma de que te esqueceste. - Não se atreva!

Tabela 3: exemplo 3

Neste exemplo, ocorre uma discussão cômica entre duas personagens, uma mulher mais velha e uma jovem (ver anexo 5 para entender melhor a discussão).

No primeiro segmento do texto de partida, a repetição de palavras começadas pela letra "b" leva ao subentendimento do insulto a que a personagem se referia (também começado por "b").

Em português, tentou manter-se a aliteração, utilizando várias palavras começadas com a letra "p", que levariam ao subentendimento de um insulto começado por "p", no terceiro segmento.

Apesar de terem sido selecionadas várias palavras começadas por "p" e de ter sido conseguida a insinuação de um insulto começado pela mesma letra, o resultado não é tão impactante quanto o do segmento original, onde a maioria das palavras começam por "b".

Numa posterior discussão com o Professor Doutor Thomas Hüsgen e a Professora Doutora Joana Guimarães (orientadora deste relatório) foi sugerida a substituição da palavra "biscoitos" por "pastéis". Contudo, ficaríamos com outro problema: os biscoitos que aparecem na imagem numa outra situação não estariam em conformidade com o nome que lhes seria atribuído nas legendas. Aqui impera lembrar que, sendo uma série de comédia, o humor tem prioridade. Desta feita, talvez fosse melhor sacrificar a equivalência da imagem com a legenda e priorizar um efeito mais marcado da piada.

3.2. Formas de tratamento

Um dos grandes desafios que persistiu ao longo do estágio e também uma das falhas apontadas ao longo das tarefas de legendagem pela supervisora concerne a formalidade do tratamento entre as personagens.

Se no português de Portugal dispomos de várias formas de tratamento, umas mais formais que outras, no inglês (a LP dos guiões/documentos disponibilizados para as traduções) faz-se maioritariamente uso do pronome “you” – “no inglês padrão, (...) predomina o universal you, tanto para a intimidade como para a cortesia, desde o século XVII” (Guimarães, 1999, p. 20). Esta disparidade entre as formas de tratamento existentes numa língua e na outra torna a tradução do inglês para o português um desafio.

Um dos pioneiros e dos autores mais marcantes no estudo das formas de tratamento portuguesas foi Luís Filipe Lindley Cintra, que faz a seguinte classificação das formas de tratamento:

“Do ponto de vista morfossintático, o autor classifica as formas de tratamento como tratamento pronominal (*tu, você, vocês, Vossa Excelência, Vossa Alteza, Vossa Majestade, Vossa Senhoria*), nominal (*o senhor, a senhora, o doutor, a doutora, a dona + nome(s), o senhor ministro, o pai, o Carlos, a minha amiga, etc.*) e verbal (*tu fazes – reduzido a fazes, você/o senhor faz reduzido a faz.*)” (Allen, 2019, p. 27)

Apesar de esta classificação não ser consensual entre os investigadores da área, com ela conseguimos identificar claramente as diferentes formas de tratamento que podem ser usadas na língua portuguesa.

Começando pelo pronome de tratamento “tu”, este é normalmente marca de intimidade e proximidade. É uma forma de tratamento informal utilizada quando a pessoa a quem nos dirigimos é, exemplificativamente, nossa familiar, amiga ou colega. Ao mesmo tempo, pode ser usada de superior para inferior hierárquico, ou de uma pessoa mais velha para uma pessoa mais nova. Assim, “o tratamento por tu tende a ser recíproco, isto é, simétrico, entre interlocutores com idade e posição hierárquica semelhante. É

assimétrico quando existe uma diferença de faixa etária ou uma diferença hierárquica” (Nascimento et al., 2018, p. 249).

Quanto ao pronome de tratamento “você”, a sua utilização tem vindo a sofrer uma alteração ao longo do tempo. Segundo Cunha e Cintra (2016, p. 306), “você” é utilizado no português europeu de superior para inferior, numa situação de igualdade, ou ainda, e apenas em classes sociais altas, como forma carinhosa de intimidade. Contudo, quando utilizada de inferior para superior, pode ser considerada uma forma de tratamento desrespeitosa.

A sua evolução tem permitido, todavia, “(...) o alargamento da utilização deste pronome, principalmente entre as classes menos cultas e entre algumas pessoas das novas gerações, que generalizam o uso de você para se dirigirem, indiscriminadamente, a qualquer pessoa (...)” (Nascimento et al., 2018, p. 251). Isto mostra que as formas de tratamento e a sua utilização não são fixas e podem ser passíveis de evolução concomitantemente com a evolução natural da língua.

Por fim, as formas de tratamento nominais são consideradas as mais formais: “(...) as formas nominais com verbos em 3ª pessoa do singular precedidas de artigo, tais como *o senhor, a mãe, a Maria*, estão entre as formas mais polidas para referir o próximo em Portugal” (Cavalheiro, 2017, p. 102). Tanto podem remeter para uma profissão ou título (o senhor engenheiro, Vossa Majestade, entre outros) ou para um grau de parentesco (o pai, a tia, entre outros), como não remeter para nenhum destes (o senhor, a senhora, entre outros), apresentando-se apenas como formas de tratamento geral (Nascimento et al., 2018, pp. 253-254).

Para evitar mal-entendidos ou possíveis faltas de respeito, recorre-se frequentemente às formas de tratamento verbal. “Com efeito, a língua portuguesa apresenta a característica de o verbo poder aparecer sem sujeito pronominal ou nominal expreso, i.e., sem que o destinatário seja expreso” (Allen, 2019, p. 27). Como vemos, podendo-se usar a 3ª pessoa gramatical com as formas nominais e com o pronome de tratamento “você”, se optarmos pelo pronome nulo, evitamos o uso inapropriado de “você” (Duarte, 2011, p. 87).

Verificamos, assim, a variedade de escolhas que o/a tradutor/a possui no português a nível de formas de tratamento, ao contrário do que acontece no inglês. “You é

empregado entre interlocutores dos mais diversos estatutos, idades, hierarquias, etc., mas não indica as relações entre eles (...)" (Guimarães, 1999, p. 22). Isto significa que é o/a tradutor/a que necessita de analisar e fazer a escolha da forma de tratamento do português que mais se adequa a cada situação.

À vista disto, é o/a tradutor/a que deve tentar entender a relação que existe entre as personagens e definir se estão numa situação em que se deve optar por uma forma de tratamento formal ou informal. "When translating from English, subtitlers have to resort to other visual, linguistic and narrative clues in the source film to determine relationships between characters" (Cintas e Remael, 2021, p. 187). Por esta razão, a pesquisa inicial sobre a história das séries ou filmes recebidos para tradução consiste numa fase muito importante para ultrapassar este desafio. Impera entender as personagens e, acima de tudo, a sua relação umas com as outras.

Para melhor se perceber as relações interpessoais, foram, nas traduções do estágio, considerados os seguintes três aspetos: a proximidade entre as personagens; o estatuto social; a idade. Como vimos, para pessoas de maior idade ou com um mais alto estatuto social ou profissional, é regra de boa educação utilizar um tratamento mais formal. Em contrapartida, se duas pessoas tiverem uma relação muito próxima, já é aceitável um tratamento informal, como, por exemplo, entre dois amigos. Analisando estes três aspetos em simultâneo e tendo em conta o contexto da situação e de cada personagem, foi possível entender mais facilmente por que forma de tratamento se deveria optar.

Vejamos agora um exemplo concreto, e especialmente desafiante, de uma série que nos permite analisar a forma como estes três aspetos nos ajudam a definir as relações entre as personagens.

Na série, eram analisadas de perto as relações entre o presidente e a ministra de um país, juntamente com os/as seus/suas restantes funcionários/as. Todos/as tinham uma boa relação entre si, ao ponto de, no caso da ministra e dos funcionários, partilharem informações e problemas pessoais. Contudo, neste caso, por mais que possuíssem uma relação próxima, o cargo da ministra era de tão alta importância e prestígio que se sobrepunha à sua proximidade. À vista disto, entendemos que os funcionários deviam utilizar um tratamento formal para com a ministra, sendo frequente a ocorrência de formas

de tratamento nominal, como “senhora”, no final das frases dos funcionários dirigidas a ela, como vemos no seguinte exemplo:

N: -From the National Zoo. Yes, ma'am.	- Do Zoo Nacional. Sim, senhora.
E: -I thought they were a gift.	- Pensei que eram um presente.

Tabela 4: exemplo 4

Já a ministra, podia utilizar um tratamento informal para com os funcionários, mas não para com o presidente, já que ele possuía um cargo profissional e estatuto social ainda mais elevado que o seu, acrescentado ao facto de ser mais velho, o que exigia, portanto, um tratamento formal.

Até aqui, as relações e formas de tratamento estavam claras. Contudo, foi cometido um erro na escolha da forma de tratamento entre os/as funcionários/as. O erro adveio da ideia de que, por serem funcionários/as do presidente e da ministra, e terem, portanto, um cargo bastante importante (apesar de não tão importante como o de ministro ou de presidente) todos/as teriam de ter um determinado respeito entre si, tratando-se formalmente. Não obstante, apesar de ser um ambiente profissional e dos seus cargos importantes, todos/as os/as funcionários/as possuem sensivelmente o mesmo estatuto social, porquanto que os seus cargos estão todos ao mesmo nível. Além disso, a diferença de idades entre eles não era significativa. Juntamente com a grande proximidade entre as personagens, estes fatores são indicadores de que a forma de tratamento utilizada entre eles podia ser informal.

Este desafio persistiu noutros dois trabalhos em que a origem da dúvida respeita a um assunto diferente. Nos referidos trabalhos, estes três aspetos podiam igualmente ser analisados para determinar a forma de tratamento mais adequada entre as personagens (a proximidade, a idade e o estatuto social). Apesar disso, a dúvida da escolha efetuada persistia pelo simples facto de o conteúdo original estar em francês, enquanto que a tradução era realizada através do guião em inglês.

A isto chama-se tradução indireta. “Relay translation refers to a chain of (at least) three texts, ending with a translation* made from another translation: (original) ST [Source Text] > intermediate text (IT) > (end) TT [Target Text]” (Ringmar, 2012, p. 141). É, assim, uma tradução feita a partir de uma terceira língua que não a língua em que está o conteúdo original, neste caso, o inglês e o francês, respetivamente.

Como podemos imaginar, este tipo de tradução possui várias desvantagens, como a repetição de erros presentes no texto que faz de ponte entre o texto da LP e o texto da LC (Gottlieb, 1994, p. 118). “Observed phenomena include ambiguity in the intermediate language obscuring potential distinctions common to both the original and the end target languages (e.g. tu/vous > you > du/Sie) (...)” (Ringmar, 2012, p. 142).

O francês é, como o português, uma língua que possui mais formas de tratamento do que o inglês. Tal como no português, temos, por exemplo, a distinção entre “tu” e “vous”. Não obstante, por falta de conhecimento da língua, não é certo se são pronomes utilizados nas mesmas situações dos pronomes “tu” e “você”, em português, nem era sempre perceptível a forma de tratamento usada originalmente. O receio provinha, então, da possibilidade de se optar por uma forma de tratamento que não correspondesse ao nível de formalidade da forma de tratamento da língua original.

Ao mesmo tempo, havia a noção de que o cliente pediu esta legendagem com o conhecimento de que a empresa trabalharia apenas com o inglês. Apesar disso, há sempre a determinação de obter o melhor resultado possível, pelo que, apesar de se ter considerado que não haveria tempo suficiente para pesquisa e estudo das formas de tratamento e do seu uso em francês, foram utilizados outros métodos para ultrapassar esta dificuldade. Além do método já explanado de analisar a proximidade entre as personagens, a sua idade e estatuto social, era verificado o uso de algum tratamento nominal ou vocativo que mostrasse se a relação das personagens era ditada por formalidade ou informalidade. Tínhamos frequentemente o uso de “Sr.” / “Sr.^a” (“Mr.” / “Mrs.”) antes do nome das personagens a que o/a locutor/a se dirigia como indicador de respeito e a sua ausência como indicador de um à-vontade ou de superioridade hierárquica em relação ao/à interlocutor/a.

3.3.Redução textual

Como explica Weber (2008, p. 24), a linguagem oral é mais rapidamente captada do que a linguagem escrita (“Der Mensch kann in einem bestimmten Zeitraum wesentlich mehr Text auditiv als visuell verarbeiten”⁸). Isto significa que, uma pessoa demorará mais tempo a ler e a captar uma frase escrita do que a mesma frase dita oralmente. Por conseguinte, raramente as legendas conseguem integrar uma tradução exata e completa do que foi dito no diálogo oral original, no mesmo espaço de tempo. Isto requer uma redução do texto apresentado na legenda. Assim, terminamos este capítulo com o desafio enfrentado em todos os trabalhos de legendagem realizados: a necessidade de redução textual.

Apesar desta necessidade de redução textual, “quantidade não é qualidade” e, na verdade, nem sempre é necessário transmitir nas legendas tudo o que foi dito oralmente. “Since the subtitles interact with the visual and oral channels of the film, a complete translation is, in fact, not always required” (Cintas e Remael, 2021, p. 147). Se, por um lado, tem de ser dado tempo suficiente ao/à espectador/a para ler as legendas e processar todos os outros elementos visuais e auditivos que constituem um programa audiovisual, por outro lado, estes mesmos elementos complementam as legendas e podem constituir um precioso recurso para o/a tradutor/a. Existe muita informação dita oralmente que pode ser entendida pelo próprio vídeo, pelo que não necessita de estar presente nas legendas, como vamos ver em alguns exemplos, no final deste subcapítulo.

Entretanto, comecemos por analisar melhor os fatores que levam à necessidade de redução textual na legendagem. Como vimos no capítulo 2.2, as restrições espaciais e temporais são, na maioria das vezes, a principal razão para esta necessidade de redução textual. Tanto os limites de caracteres por linha, como o máximo de linhas a apresentar no ecrã, ou ainda a duração máxima das legendas constituem restrições que limitam a quantidade de conteúdo que uma legenda pode apresentar. Estas restrições são fundamentais para permitir ao/à espectador/a uma leitura das legendas e visualização do

8 As pessoas conseguem processar, num determinado espaço de tempo, muito mais texto auditivamente do que visualmente (tradução da autora).

conteúdo audiovisual confortáveis, que, como sabemos, varia mediante a sua velocidade de leitura.

Notemos que, o facto de a linguagem oral ser mais rapidamente captada do que a escrita não é a única condição para que os limites espaciais e temporais da legenda sejam ultrapassados. O próprio idioma pode, pelas suas características, criar situações em que estes limites são ultrapassados e em que é exigida uma redução textual. “É do conhecimento geral que a língua inglesa é mais sintética do que a portuguesa. As frases são, geralmente, mais curtas que as portuguesas (...)” (Guimarães, 1999, p. 26). Uma frase que, em inglês encaixaria perfeitamente na legenda sem qualquer necessidade de redução textual, pode, em português, exceder os limites de tempo ou de espaço e ter, assim, de sofrer uma redução textual.

Por outro lado, a divisão da linha numa legenda é também um fator que, mesmo com uma legenda que respeita as restrições a nível temporal e espacial, pode levar à premência de uma redução textual.

Para entendermos melhor o exposto, vejamos o seguinte exemplo:

<u>Your</u> Highness, I'm afraid the city guard is no match for these Scoomian gun ships.	Alteza, a guarda da cidade <u>não está</u> à altura dos navios de Scoomian.
--	--

Tabela 5: exemplo 5

Nesta legenda, vemos que, apesar de, tal como está escrito, ser possível incluir “Vossa” junto de “Alteza” sem ultrapassar os limites de espaço ou de tempo, caso o fizéssemos, a divisão ficaria diferente. A negação “não” ficaria separada do verbo “está”. “(...) In English, the line break should not separate a main verb from an auxiliary, reflexive pronoun or negation” (Cintas e Remael, 2021, p. 172). Posto isto, para uma divisão correta da linha, foi sacrificado o pronome “Vossa”, que não comporta nenhuma informação adicional para o entendimento da legenda.

Estes fatores podem, então, deixar o/a tradutor/a com a inevitabilidade de reduzir o texto da legenda. Esta redução pode ser feita de duas formas, de modo que podemos distinguir dois tipos de redução textual: a redução parcial e a redução total. Como explica Cintas (2010, p. 346), a redução parcial consiste no resumo da informação do conteúdo original e a redução total consiste na eliminação de parte da mensagem.

Não existem regras concretas que apontem a melhor forma de realizar este processo intrínseco da legendagem. Não obstante, existe a chamada Teoria da Relevância, que guia o/a tradutor/a por este processo e o/a ajuda a obter, dentro do possível, uma tradução fiel, mesmo não incluindo todo o conteúdo do texto original (TO).

A Teoria da Relevância, foi originalmente criada por Dan Sperber e Deirdre Wilson e posteriormente aplicada pela primeira vez à tradução por Ernst-August Gutt (Cintas e Remael, 2021, p. 148).

De forma resumida, na sua teoria, Sperber e Wilson (1995) analisam o processo de comunicação através do princípio da relevância e de um modelo inferencial. A teoria explica a forma como o processo de comunicação se efetiva através de um princípio que se baseia no equilíbrio entre o esforço de processamento e os efeitos cognitivos.⁹

Primeiramente, é crucial compreender que a simples representação semântica das frases não é suficiente para o entendimento completo de todos os pensamentos comunicados através de um enunciado. “(...) There is a gap between the semantic representation of sentences and the thoughts actually communicated by utterances” (Sperber e Wilson, 1995, p. 9). Esta lacuna entre as frases e enunciados advém do facto de uma frase apenas possuir elementos linguísticos, enquanto que um enunciado possui,

⁹ A Teoria da Relevância teve origem na teoria de Grice (1975). O autor distingue dois tipos de implicaturas: as implicaturas convencionais e as implicaturas não convencionais. Enquanto que as primeiras “(...) podem ser deduzidas da forma de um enunciado, com base no significado convencional das palavras” (Portal da Língua Portuguesa, n.d. 9), as últimas já não, como o próprio nome indica.

Dentro das implicaturas não convencionais, Grice identifica uma subclasse a que chama implicaturas conversacionais. “As implicaturas conversacionais activam o princípio da cooperação e as máximas conversacionais de Grice” (Martins, 2009). O princípio da cooperação dita que o ato conversacional deve ser composto de contribuições pertinentes ao momento em que ocorre, respeitando o propósito ou direção da respetiva conversa: “make your conversational contribution such as is required, at the stage at which it occurs, by the accepted purpose or direction of the talk exchange in which you are engaged” (Grice, 1975, p. 45). Este ato conversacional é guiado, para além deste princípio da cooperação, por quatro máximas conversacionais (Grice, 1975, pp. 45-46): a máxima da quantidade (a contribuição do locutor deve proporcionar a quantidade ideal de informação – ou seja, nem mais, nem menos do que é necessário), a máxima da qualidade (defende que seja dita a verdade e que o locutor não afirme o que crê ser falso, nem aquilo de que não tem provas suficientes), a máxima da relação (a contribuição do locutor deve ser pertinente e relevante) e a máxima do modo (a contribuição do locutor deve ser organizada, curta e clara, e deve evitar a ambiguidade).

Sperber e Wilson criticam a imprecisão desta teoria: “Grice's account retains much of the vagueness of the commonsense view. Essential concepts mentioned in the maxims are left entirely undefined” (Sperber e Wilson, 1995, p. 36).

adicionalmente, elementos não linguísticos (Sperber e Wilson, 1995, p. 9)¹⁰. É aqui que entra a Pragmática, “(...) que estudará as influências do conhecimento não-linguístico e do raciocínio lógico no significado total” (Alves, 1992, pp. 33-34).

Quando um/a comunicador/a inicia um processo de comunicação com uma audiência, esta terá de ir para lá do que está dito/escrito na(s) frase(s) e de procurar entender o significado que o/a comunicador/a quer efetivamente transmitir. A isto chama-se modelo de inferência: "communication is successful not when hearers recognize the linguistic meaning of the utterance, but when they infer the speaker's 'meaning' from it" (Sperber e Wilson, 1995, p. 23).

Para entender este significado, a audiência terá de interpretar o enunciado no contexto em que se insere. Sperber e Wilson (1995, pp. 15-16) apresentam a seguinte definição de contexto:

“A context is a psychological construct, a subset of the hearer’s assumptions about the world. (...) A context in this sense is not limited to information about the immediate physical environment or the immediately preceding utterances: expectations about the future, scientific hypotheses or religious beliefs, anecdotal memories, general cultural assumptions, beliefs about the mental state of the speaker, may all play a role in interpretation.”

Este enunciado revelar-se-á relevante se, ao interagir com o contexto, produzir alguma alteração no universo cognitivo da audiência. Isto pode acontecer “(...) quer pela adição de novas informações ao seu stock de conhecimentos (contextual implication), quer pelo reforço de informação já existente, quer ainda pela sua revisão e eventual supressão” (Lopes, 2018, p. 222).

Ao resultado que surge desta interação entre o enunciado e o contexto denomina-se efeitos cognitivos. Estes, juntamente com o esforço de processamento – o esforço

10 Para entendermos melhor a diferença entre frase e enunciado:

“Sentence: A well-formed arrangement of words into a complementizer phrase

Utterance: A sentence used in a context” (Zabbal, 2008, p. 2).

necessário para processar um enunciado da melhor forma (Sperber e Wilson, 1995, p. 156) – definirão a relevância do enunciado. Como resultado, “quanto mais efeitos cognitivos positivos se obtiverem no processamento de um enunciado, maior é a relevância desse enunciado (...); quanto maior for o esforço de processamento, menor é a relevância desse mesmo enunciado para o mesmo indivíduo” (Lopes, 2018, p. 222).

Com isto, Sperber e Wilson (1995, p. 158) apresentam os seguintes princípios:

“(61) Presumption of optimal relevance

(a) The set of assumptions I which the communicator intends to make manifest to the addressee is relevant enough to make it worth the addressee's while to process the ostensive stimulus.

(b) The ostensive stimulus is the most relevant one the communicator could have used to communicate I. (...)

(62) Principle of relevance

Every act of ostensive communication communicates a presumption of its own optimal relevance.”

De forma mais simples, se uma pessoa inicia um processo de comunicação com outra, é porque considera que tem uma mensagem relevante o suficiente para lhe transmitir e que é do interesse desta última envolver-se no processo de comunicação e tentar entender essa mensagem. Assume-se que o/a comunicador/a selecionou a informação mais relevante para a audiência, informação que produzirá, para ela, mais efeitos cognitivos, com o mínimo esforço de processamento. Desta forma, para além de transmitir que tem uma mensagem a comunicar, a ação de iniciar deliberadamente um processo de comunicação transmite que essa mensagem é de máxima relevância possível.

Como consequência, a audiência cria uma expectativa de que o conteúdo tem um certo nível de relevância que merece a sua cooperação: “with an ostensive stimulus (...) the addressee can have not only hopes, but also fairly precise expectations of relevance”

(Sperber e Wilson, 1995, p. 156). Isto leva precisamente a audiência a iniciar um processo de inferência do verdadeiro significado do enunciado. “Os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o interlocutor na busca do que o falante quer efetivamente dizer, isto é, na inferência do sentido efetivamente comunicado pelo falante” (Lopes, 2018, p. 221).

De notar que esta teoria é bastante mais complexa e detalhada e que há conceitos que não foram aqui explanados. Contudo, não sendo o principal tema do relatório e servindo apenas como ponte para a compreensão do tema da redução textual na legendagem, não é nosso objetivo analisar a teoria a fundo.

Mais tarde, em 1989, Ernst-August Gutt aplicou esta teoria à tradução, considerando que esta atividade consiste também numa forma de comunicação. Gutt (1989, p. 151) afirma o seguinte: “(...) the translator produces a receptor language text, the translation, with the intention of communicating to the receptors the same assumptions that the original communicator intended to convey to the original audience.” Reformulando, a função do/a tradutor/a será a de transmitir aos/às recetores/as da tradução o mesmo que o/a comunicador/a original pretendia transmitir aos/às seus/suas recetores/as.

Irena Kovačič (1993) fez uso desta aplicação da Teoria da Relevância ao domínio da tradução para encontrar uma forma de guiar e facilitar a redução textual na legendagem. Kovačič (1993, p. 247) começa por utilizar a definição de semelhança interpretativa de Sperber e Wilson – conceito também clarificado por Gutt (1989) – para explicar o papel do/a tradutor/a. Este conceito será também útil quando aplicado na redução parcial textual, pelo que é crucial uma breve explicação.

Começamos por entender melhor o que é uma proposição: “a proposition is a logical expression, not a linguistic expression; it is a statement describing a (proposed) state of affairs in the world, that may be true of the world or false” (Zabbal, 2008, p. 2).

Uma característica das proposições é que possuem propriedades lógicas. Quando duas proposições possuem propriedades lógicas em comum, diz-se que se assemelham interpretativamente (Gutt, 1989, pp. 56-57).

Tanto os pensamentos como os enunciados são constituídos por proposições: “a thought is a mental representation that has a propositional form” (Gutt, 1989, p. 56); “(...)

utterances have propositional forms (...)” (Gutt, 1989, p. 61). Consequentemente, a semelhança interpretativa entre proposições pode ser alargada a pensamentos e enunciados (Gutt, 1989, p. 64).

“In isolation, a proposition P (and, by extension, a representation with P as its content) has a number of analytic implications. However, propositions are entertained not in isolation but in a context of background assumptions. In a context {C}, a proposition P may have what we call contextual implications. (...) (...) Two propositions P and Q (and, by extension, two representations with P and Q as their propositional content) interpretively resemble one another in a context {C} to the extent that they share their analytic and contextual implications in the context {C}.” (Sperber e Wilson, 1985, p. 157)

Concluindo e reformulando, duas proposições P e Q (e, por extensão, dois pensamentos ou enunciados com P e Q como suas proposições) que sejam interpretativamente semelhantes, num determinado contexto, partilham implicações analíticas e contextuais.

O papel do/a tradutor/a será, assim, produzir uma tradução que seja o mais interpretativamente semelhante ao TO quanto possível e que, como resultado, forneça efeitos cognitivos semelhantes (Kovačič, 1993, p. 247). “To determine what is close enough resemblance in relevant respects, the translator needs to look at both the likely benefits, that is, the contextual effects, and also at the processing effort involved for the audience” (Gutt, 1989, p. 286).

Segundo Kovačič (1993, pp. 247-248), esta semelhança interpretativa pode também ser útil em casos em que a redução parcial do texto seja necessária. Através de um processo de dedução, o/a tradutor/a chega a uma semelhança interpretativa que justifique a redução parcial efetuada (Kovačič, 1993, p. 247). Mesmo que um elemento não possua uma proposição subjacente, é possível utilizar este método através de uma descrição de tais elementos: “(...) linguistic elements with no propositional equivalents can be tackled by constructing an appropriate description, which then makes manifest further

assumptions. These assumptions then allow for an extended interpretive-resemblance analysis without a propositional form” (Kovačič, 1993, p. 248).

Quanto às reduções totais, deve ter-se em consideração se, eliminando determinado elemento da frase, esta mantém efeitos cognitivos semelhantes dentro do respetivo contexto, e se, apesar do esforço de processamento daquela parte ser anulado, esta eliminação não torna maior o esforço de processamento do resto da frase (Kovačič, 1993, pp. 249-250).

Resumindo, o esforço exigido pelo/a espectador/a para processar um elemento, juntamente com a sua relevância na compreensão da narrativa, irá determinar se deve ou não ser incluído na tradução.

Outro fator que pode ajudar na tomada de decisão aquando da necessidade de redução textual é o género do programa audiovisual em causa. “When subtitling off-screen commentators in a documentary film, rendering all they say may be more important, and therefore a reformulation that allows the subtitler to condense without losing much information may be a better option” (Cintas e Remael, 2021, p. 150). A comédia, por outro lado, é um género em que o conteúdo em si não é tão importante, tendo prioridade, por exemplo, os jogos de palavras que caracterizam o humor: “[Kategorie 1:] Satire, Komödie und Musiksendung (Sprache steht im Vordergrund). (...) Kategorie 1 erfordert eine starke Textverkürzung”¹¹ (Weber, 2008, p. 28).

O exemplo seguinte foi retirado de um trabalho de legendagem cujo género do programa audiovisual era a comédia.

and the two of you came floating down the river in <u>little</u> wicker baskets.	e vocês vieram a flutuar pelo rio em cestos de vime.
---	---

Tabela 6: exemplo 6

Sendo que o mais importante aqui era o comentário sarcástico da personagem acerca do nascimento dos filhos (verificar excerto da tradução no anexo 6 para contextualização), o conteúdo não é tão importante e pode ser sacrificado. Desta maneira,

¹¹ [Categoria 1:] Sátira, comédia e programa de música (a língua está em primeiro plano). (...) A categoria 1 exige uma grande redução textual (tradução da autora).

foi eliminado o adjetivo “little”¹². Aplicando aqui a Teoria da Relevância, vemos que o esforço exigido para processar o segmento diminui, por conta da eliminação do adjetivo, e os efeitos cognitivos se mantêm.

Posto isto, analisemos agora algumas das estratégias de redução textual mais utilizadas durante o estágio curricular que ajudaram a lidar com as restrições inerentes à legendagem. Muitas das estratégias a seguir apresentadas coincidem com as mais utilizadas pelos/as tradutor/as, enumeradas por Cintas e Remael (2021, p. 151). Para ilustrar estas estratégias serão apresentados e analisados mais alguns exemplos práticos em que foi necessária uma redução textual, de modo a permitir, simultaneamente, uma reflexão sobre as escolhas realizadas. As teorias anteriormente explanadas serão, da mesma forma, aplicadas ao longo desta parte do relatório.

Começamos pelas estratégias que implicam uma sintetização ou reformulação do conteúdo das legendas. De notar que, em muitos dos casos, foram utilizadas mais de uma estratégia, pelo que pode ser verificada, em várias das legendas apresentadas, uma redução textual de um elemento adicional que não corresponde ao que está a ser analisado. Todavia, para uma leitura e entendimento mais claros, na ilustração de cada estratégia falaremos apenas do elemento que lhe diz respeito.

Para começar, a modificação de classes de palavras, uma das estratégias utilizadas, pode proporcionar uma alternativa mais curta ao original, como vemos no exemplo que se segue:

A relatively simple <u>fix</u> . But we will have to set down before I can effect repairs.	Relativamente simples de <u>reparar</u> . Mas temos de aterrar antes disso.
--	--

Tabela 7: exemplo 7

Neste exemplo, o nome comum “fix” (“reparação”) foi alterado para o verbo “reparar”. Caso contrário, a frase ficaria mais longa: “uma reparação relativamente simples”.

¹² Posteriormente, surgiu a solução de substituir “little (...) baskets” pelo equivalente mais curto “cestinhos”. Contudo, já não sendo possível aceder ao programa de legendagem onde foi trabalhado este episódio, não conseguimos verificar se esta opção estaria dentro do limite de caracteres por linha.

Também, muitas vezes, a abreviatura de um conjunto de palavras para um equivalente mais curto é uma forma de reduzir o texto da legenda. Vejamos o seguinte exemplo:

I can help <u>the next person</u> in line.	Posso ajudar o <u>próximo</u> na fila.
--	--

Tabela 8: exemplo 8

Podemos ver que “the next person” (“a próxima pessoa”) foi substituído pelo equivalente e semelhante interpretativo “o próximo”, o que reduziu bastante a quantidade de caracteres presentes neste segmento.

Existe também a possibilidade de alterar o tipo de frase utilizado. No exemplo a seguir exibido, a frase interrogativa original foi transformada numa frase imperativa:

Remind me, why I’m doing this again?	Relembra-me porque faço isto.
--------------------------------------	-------------------------------

Tabela 9: exemplo 9

Caso tivesse sido mantido o tipo de frase original, a frase ficaria maior: “relembra-me, porque é que faço isto?”.

Mudar o sujeito de uma frase foi outra das estratégias utilizadas, nomeadamente no seguinte exemplo:

Your Holiness, you know I can’t discuss statecraft with you.	Vossa Santidade, sabe que não podemos discutir política.
---	---

Tabela 10: exemplo 10

A mudança do sujeito da primeira pessoa do singular para a primeira pessoa do plural possibilitou a eliminação do conjunto da preposição “with” com o pronome “you” (“consigo”), reduzindo a quantidade de texto presente na legenda.

Finalizando, utilizar pronomes para substituir um nome é bastante útil em situações em que o respetivo nome já foi mencionado no texto e não precisa de ser repetido, ou em que, pelo contexto, subentendemos o referente desse pronome, sem necessidade de o incluir.

N: Now, shut up and listen to this, Dick. This is metal for <u>fish</u> .	Agora, cala-te e ouve isto, D--. É <i>metal</i> para <u>peixes</u> .
S: <u>Fish</u> don't got no good metal to listen to.	<u>Eles</u> não têm <i>metal</i> para ouvir.

Tabela 11: exemplo 11

Neste exemplo, o nome comum “peixes” foi referido no primeiro segmento, pelo que não havia necessidade de o repetir no segmento que o sucede. Para o substituir foi utilizado o pronome pessoal “eles”.

Passamos agora para as estratégias que implicam a omissão ou eliminação total de uma parte do texto da legenda. É frequente encontrarmos nas legendas elementos que contêm informação pouco ou nada relevante, no sentido em que não alteram os efeitos cognitivos e aumentam o esforço de processamento do/a espectador/a.

Começando pelas interjeições, estes elementos estavam presentes em peso nos programas infantis e são elementos que puderam facilmente ser eliminados por apenas traduzirem a reação da personagem. Este exemplo mostra isso mesmo:

<u>Oh</u> , right! Congratulations!	Certo. Parabéns!
-------------------------------------	------------------

Tabela 12: exemplo 12

Aqui, a interjeição “oh” mostra que a personagem se lembrou de algo que os pais lhe tinham dito numa situação passada (ver anexo 7 para entender melhor o contexto). A palavra “certo” tem aqui o mesmo papel da interjeição, e, podendo significar “exato” (Infopédia, n.d. 3) equivale a “pois é, têm razão”. Por este motivo, a interjeição apenas provoca um maior esforço de processamento da legenda com os mesmos efeitos cognitivos, de maneira que tanto pode, como deve ser eliminada.

Muitas vezes, os determinantes são igualmente elementos cujo significado não é relevante. No exemplo a seguir, foi eliminado o determinante possessivo “my” ou, em português, “minha”:

I have the digital recorder in <u>my</u> hand.	Tenho o gravador digital na mão.
--	----------------------------------

Tabela 13: exemplo 13

O determinante era aqui dispensável, porque, estando a frase na primeira pessoa do singular, está implícito que o gravador está na mão do locutor.

Além dos determinantes e interjeições, também alguns nomes podem ser eliminados, como podemos ver no exemplo que se segue:

to recall our <u>Star</u> Navy and bring them home--	para recolher a nossa Marinha e os levar de volta.
---	---

Tabela 14: exemplo 14

Neste caso, é eliminado o nome da Marinha, “Star”, por já ser conhecido pelos/as espectadores/as. Neste episódio, a Marinha Estrelar, como foi denominada, tinha já sido mencionada como a Marinha dos locutores da legenda aqui exibida.

Temos ainda a eliminação de advérbios como uma possibilidade.

You know, <u>frankly</u> , my opinion could be the single most important factor	A minha opinião pode ser o fator mais importante
in his making this decision.	na decisão dele.

Tabela 15: exemplo 15

Neste exemplo (e em muitos outros casos com advérbios), o advérbio “frankly” (“sinceramente”) pode ser eliminado. Este elemento apenas acrescenta a informação de que a personagem está a ser honesta, algo que, além de pouco relevante no contexto, é imaginável, sendo a honestidade uma das características desta personagem ao longo da série. Aqui, mais uma vez, é mais importante manter o caráter humorístico da situação (sendo uma série de comédia) – presente na conclusão exagerada a que a personagem chegou acerca da importância da sua opinião – do que salientar a sinceridade da personagem (para entender melhor o contexto, ver anexo 9).

Prosseguimos com uma das classes de palavras que mais se optou por eliminar, o adjetivo, como o que acontece no seguinte exemplo:

We don't need him or his <u>stinky</u> restaurant.	Não precisamos dele nem do seu restaurante.
---	--

Tabela 16: exemplo 16

Apesar de caracterizar o restaurante, o adjetivo não é essencial para o propósito desta legenda. Este segmento pertence a um episódio de uma série de comédia e o seu objetivo é mostrar o comportamento incomum da personagem. Uma personagem que costuma ser calma e racional está a agir de forma agressiva, o que, no contexto, cria uma

situação cômica. Apesar de o adjetivo negativo reforçar o comportamento indelicado da personagem, os restantes elementos da frase já transmitem essa imagem, reforçados pelos segmentos que o antecedem e lhe sucedem (disponíveis para consulta no anexo 8).

Por último, além da eliminação de palavras, por vezes, é até favorável a eliminação de frases inteiras. No seguinte exemplo foi possível, na fala da primeira personagem, a eliminação da frase interrogativa:

T: -What is this button? I think I hit it.	- Acho que toquei no botão.
S: -I got to get going. See you later.	- Tenho de ir. Até logo.

Tabela 17: exemplo 17

Este excerto foi retirado de um episódio em que as personagens gravam um álbum musical debaixo de água. Para isolar melhor o som, uma das personagens (personagem 1) é colocada numa espécie de cápsula com um líquido respirável (“liquid oxygen isolation submersion chamber”). Um especialista alerta para o perigo da situação, porém é ignorado pela personagem 2 que o ouve, mas apenas quer saber o que a personagem 1 deseja comer. A personagem 1 tinha já perguntado “que botões são estes?” numa legenda anterior, pelo que já tinha sido transmitida a informação de que desconhece o propósito daqueles botões. Com isto, apenas seria agora necessário informar que a personagem tocou num desses botões para manter os efeitos cognitivos. O importante aqui, sendo um programa de comédia, era mostrar o humor que surge do caos da situação, marcado pelo contraste da preocupação e pedidos de ajuda da personagem ignorados pelo seu companheiro, mais preocupado com a refeição.

Ademais, muito do conteúdo presente nas legendas é muitas vezes redundante, o que permite a sua eliminação. Aqui é fundamental examinarmos a distinção entre redundância intersemiótica e redundância intra-semiótica proposta por Gottlieb (1993, p. 273). A primeira concerne os casos em que a informação é repetida em mais do que um canal audiovisual (como, por exemplo, no texto e na imagem). A segunda concerne a informação repetida no mesmo canal (como, por exemplo, no texto).

Os próximos exemplos demonstram situações de redundância intra-semiótica.

Instead of <u>sleeping</u> with two cameras tonight,	Em vez de duas câmaras,
we're all <u>sleeping</u> with three cameras.	hoje vamos <u>dormir</u> todos com três.

Tabela 18: exemplo 18

Neste exemplo, o verbo “dormir” está presente em ambos os segmentos, o que o torna redundante. Estando a redundância presente no mesmo canal (o texto), denomina-se redundância intra-semiótica. Consequentemente, podemos eliminar o verbo de um dos segmentos (neste caso, o primeiro), sem comprometer o conteúdo das legendas.

Já no seguinte exemplo, o elemento eliminado foi a localização do referido bloco da punição.

The murder lead to the construction of a punishment block <u>on the island</u> .	O homicídio levou à construção de um bloco da punição.
---	---

Tabela 19: exemplo 19

No início do episódio (uma série em formato de *reality show*), foi referido várias vezes o local para onde se dirigiam as pessoas: uma prisão isolada numa ilha. Estando a falar sobre a história desta mesma prisão, o local onde ocorreu a construção do bloco da punição torna-se claro e pode, assim, ser eliminado (recorrer a anexo 10 para verificar melhor o contexto e a implicitude do local onde o bloco foi construído). Apesar de não estar em segmentos próximos, o local da prisão de que se fala é repetido ao longo do texto, e esta repetição torna o elemento numa redundância intra-semiótica.

Vejamos agora dois exemplos de redundância intersemiótica. Nestes casos, a presença no texto de algo visível na imagem representa esta mesma redundância.

his <u>toes</u> were severed and inserted into his nostrils	os dedos foram cortados e postos nas narinas
--	---

Tabela 20: exemplo 20

Neste exemplo, “toes” deveria ser traduzido como “dedos dos pés”. Contudo, foi possível traduzir a palavra como “dedos” porque, nesta cena, a personagem ao lado do locutor está a olhar e a analisar precisamente os dedos dos pés da personagem a quem se referem.

Excuse me, <u>B--</u> . Please, we're in session.	Dá-me licença. Por favor, estamos em sessão
--	--

Tabela 21: exemplo 21

Já neste exemplo, o vocativo “B--”, nome da personagem, pode ser eliminado porque, nesta cena, o locutor olha para a personagem B-- quando pede licença, voltando-se, depois, para uma terceira personagem, a quem dirige a segunda frase. Pela imagem, conseguimos entender para quem a personagem está a falar, sem exigir o vocativo na legenda.

Este tipo de redundância é, certamente, um ponto positivo da tradução de um programa audiovisual. O facto de termos uma informação textual repetida noutra canal (maioritariamente, na imagem) significa que podemos eliminá-la sem originar perda de informação: “in einem polysemiotischen Kontext werden demnach semantische Lücken intersemiotisch gefüllt”¹³ (Werber, 2008, p. 29).

No fundo, e para concluir, o/a tradutor/a deve perceber se o programa com as legendas transmite o mesmo significado ao/à espectador/a da tradução que a versão original sem legendas transmite aos/às seus/suas espectadores/as, como afirma Gottlieb (2004, p. 223):

“(...) The synthesis of the four parallel semiotic channels – image, (non-verbal) sound, dialogue and subtitles – should be compared with the original three-channel discourse. Only then will it be possible to determine to which extent the subtitled version as a whole manages to convey the semantic gestalt of the original.”

¹³ Portanto, num contexto polissemiótico, as lacunas semânticas são preenchidas a nível intersemiótico (tradução da autora).

Conclusão

No geral, podemos dizer que esta experiência de estágio, complementada pela escrita deste relatório de estágio, se revelou bastante positiva. Apesar de ter tido alguns pontos negativos, os pontos positivos ultrapassaram os primeiros.

Para além de ter sido adquirida alguma da tão desejada experiência prática em situação real, foram inúmeras as aprendizagens que o estágio e o relatório proporcionaram. Começando pelas aprendizagens relativas ao estágio curricular, foram conhecidas novas ferramentas de tradução e de legendagem, foi aprendido o significado de imensas palavras e expressões inglesas novas e foi conhecido o decorrer de um dia de trabalho de um/a tradutor/a profissional.

O local de estágio foi inicialmente escolhido pelo gosto pela legendagem e este gosto veio a confirmar-se duplamente – pelo prazer de legendar durante o estágio e pela saudade que trouxe reler os exemplos durante a realização do relatório. Além disso, foi confirmado o gosto pela tradução em si, visto que, também as restantes tarefas de tradução eram elaboradas com muito agrado.

A possibilidade de poder, no segundo e terceiro capítulos do relatório, confrontar as escolhas realizadas em algumas traduções do estágio com as teorias associadas aos temas relacionados com a legendagem foi também bastante enriquecedora.

Com o *feedback* dado pela supervisora do estágio, foi possível perceber o que deve ser trabalhado e melhorado nas traduções realizadas daqui para a frente. Das críticas recebidas, destaca-se uma tradução demasiado presa ao original e uma inadequação de algumas formas de tratamento seleccionadas. Este último ponto fraco foi, inclusivamente, estudado e revisto criticamente no relatório, pelo que se espera que seja algo que se venha a fazer com mais precisão nos trabalhos que se sucederem.

Além disso, o estudo do humor como desafio de legendagem permitiu uma clara divisão dos passos a tomar na identificação e tratamento do humor na tradução. Não deixando de parte a redução textual, este tema foi estudado na unidade curricular “Projeto de Estágio” e despertou interesse para a sua análise com exemplos práticos. Isto justifica a enorme quantidade de exemplos apresentados neste subcapítulo (quantidade esta que

parece pequena ao lado de todos os exemplos recolhidos no estágio com vista a este estudo).

Referências

- Ajabbad, Y. (2019). *Humour in Subtitling: the rendition of extralinguistic culture-bound humour into arabic in the subtitling of the american sitcom “F.R.I.E.N.D.S”* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Radboud]. Repositório Universidade de Radbound.
- Allen, A. S. F. (2019). *O sistema de formas de tratamento em português europeu*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Alves, H. S. (1992). *À Procura do Significado. Algumas Considerações Sobre a Evolução Do Vocalismo Em Galego e Português*, Lisboa, 8, 27–36. <https://apl.pt/wp-content/uploads/2017/12/1992-3.pdf>
- Cambridge Dictionary. (n.d. 1). Antique. Em *Cambridge Dictionary*. Disponível a julho, 2022, em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/antique>
- Cavalheiro, V. M. (2017). *As diferentes regras de uso das formas tu e você e suas influências na compreensão de narrativas literárias: PB e PE*. [Tese de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto.
- Chorão, M. da G. B. (2017). Canned Laughter ou o Riso Enlatado: a relevância e o impacto deste elemento semiótico no âmbito da tradução audiovisual. *Polissema – Revista de Letras Do ISCAP*, 17, 91–104. <https://doi.org/https://doi.org/10.34630/polissema.v0i17.2735>
- Cintas, J. D. (2010). Subtitling. Em Y. Gambier e L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 344–349). John Benjamins Publishing Company.
- Cintas, J. D. e Orero, P. (2010). Voiceover and dubbing. Em Y. Gambier e L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 441–445). John Benjamins Publishing Company.
- Cintas, J. D. e Remael, A. (2021). *Subtitling: Concepts and Practices*. Routledge.
- Cunha, C., e Cintra, L. (2016). *Nova gramática do português contemporâneo* (7ª ed.). Rio de Janeiro: Lexikon.

- Duarte, I. M. (2011). Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso. *Matraga*, 18(28), 84–101. <https://doi.org/10.12957/matraga>
- Gottlieb, H. (1993). Subtitling: people translating people. Em C. Dollerup e A. Lindegaard (Eds.), *Teaching Translation and Interpreting 2: insights, aims, visions* (pp. 261-274).
- Gottlieb, H. (1994). Subtitling: Diagonal Translation. Em H. Gottlieb, C. Dollerup, e V. H. Pedersen (Eds.), *Perspectives: Studies in Translatology* (Vol. 1, pp. 101–121). Museum Tusulanum Press.
- Gottlieb, H. (2004). Subtitles and International Anglification. *Nordic Journal of English Studies*, 3(1), 219–230. <https://doi.org/http://doi.org/10.35360/njes.32>
- Grice, H. P. (1975). Logic and Conversation. Em P. Cole e J. L. Morgan (Eds.), *Syntax and Semantics: Speech Acts* (Vol 3, pp. 41-58). Academic Press.
- Guimarães, M. D. L. F. (1999). *Análise contrastiva de casos paradigmáticos das formas de tratamento na tradução de Love In A Cold Climate de Nancy Mitford*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto]. Catálogo UP.
- Gutt, E.-A. (1989). *Translation and Relevance* [Tese de Doutoramento, Universidade de Londres]. UCL Discovery.
- Infopédia. (n.d. 2). Aliteração. Em *Dicionário Infopédia*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aliteração>
- Infopédia. (n.d. 3). Exato. Em *Dicionário Infopédia*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/certo>
- Infopédia. (n.d. 4). Feirar. Em *Dicionário Infopédia*. Disponível a agosto, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/certo>
- Infopédia. (n.d. 5). Polissemia. Em *Dicionário Infopédia*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/polissemia>
- Infopédia. (n.d. 6). Soar. Em *Dicionário Infopédia*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/pesquisa/soar>

- Jerónimo, N. A. (2015). *Humor na Sociedade Contemporânea* [Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior]. uBibliorum.
- Kovačič, I. (1993). Relevance as a Factor in Subtitling Reductions. Em C. Dollerup e A. Lindegaard (Eds.), *Teaching Translation and Interpreting 2: insights, aims, visions* (pp. 245–251).
- Lopes, A. C. M. (2018). *Pragmática: uma introdução*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/https://doi.org/10.14195/978-989-26-1604-9>
- Martins, A. (2009). *Implicitações convencionais e conversacionais*. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa. <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/implicitacoes-convencionais-e-conversacionais/25929>
- Merriam-Webster. (n.d. 7). Antique. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/antique>
- Merriam-Webster. (n.d. 8). On. Em *Merriam-Webster.com dictionary*. Disponível a julho, 2022, em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/on>
- Nascimento, M. F. B. do, Duarte, E., e Duarte, M. E. L. (2018). Sobre formas de tratamento no Português Europeu e Brasileiro. *Diadorim*, 20, 245–262. <https://doi.org/https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23276>
- Pardo, B. S. (2013). Translation Studies: An Introduction to the History and Development of (Audiovisual) Translation. *Linguax. Revista de Linguas Aplicadas*, 6, 29. Disponível em <https://revistas.uax.es/index.php/linguax/article/view/498>
- Portal da Língua Portuguesa. (n.d. 9). Dicionário de Termos Linguísticos. <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=terminology&act=view&id=904>
- Remael, A. (2010). Audiovisual Translation. Em Y. Gambier e L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (pp. 12-17). John Benjamins Publishing Company.

- Ringmar, M. (2012). Relay Translation. Em Y. Gambier e L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 3, pp. 141–144). John Benjamins Publishing Company.
- Rosa, A. A. (2009). Ay, there's the rub': Algumas questões em tradução audiovisual. Em A. P. de Sousa, A. Varandas, I. Fernandes, J. Elliott, M. C. L. da Costa, M. V. Bastos, T. Cid, e T. Malafaia (Eds.), *So long lives this and this gives life to thee: Homenagem a Maria Helena de Paiva Correia* (pp. 101–111). Lisboa, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Sánchez, D. (2004). Subtitling methods and team-translation. Em P. Orero (Ed.), *Topics in Audiovisual Translation* (pp. 9–17). John Benjamins Publishing Company.
- Sperber, D., e Wilson, D. (1985). Loose Talk. *Proceedings of the Aristotelian Society*, 86, 153–171. <http://www.jstor.org/stable/4545042>
- Sperber, D., e Wilson, D. (1995). *Relevance: Communication and Cognition* (2ª ed.). Blackwell Publishers.
- Vandaele, J. (2010). Humor in Translation. Em Y. Gambier e L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of Translation Studies* (Vol. 1, pp. 147–152). John Benjamins Publishing Company.
- Veiga, M. J. A. (2006). *O Humor na Tradução para Legendagem: Inglês/Português* [Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro.
- Weber, H. (2008). *Zum Problem der Kohärenz bei der Untertitelung* [Tese de licenciatura, Universidade de Saarlandes]. Translation Concepts.
- wisdom GROUP. (n.d. 10). *wisdom GROUP*. Disponível a maio de 2022 em <https://www.wisdomgroup.pt/>
- wisdom TRANSLATIONS. (n.d. 11). *wisdom TRANSLATIONS - Traduções, Interpretações e Legendagem*. Disponível a maio de 2022 em <https://wisdomtranslations.com>

Xavier, C. D. S. de A. (2013). Contributos para o estudo da legendagem: itinerários de investigação. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, 26, 71–91. <http://hdl.handle.net/10451/29472>

Zabbal, Y. (2008). Propositional Logic. Em Y. Zabbal (Ed.), *CAS LX 502 - Semantics I*. Universidade de Boston.

Anexos

Anexo 1 – Protocolo de estágio

Protocolo de cooperação para a realização do “Estágio” do 2º ciclo de estudos em Tradução e Serviços Linguísticos Ano letivo 2021/2022

1. Introdução

O presente protocolo é celebrado entre a **Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, adiante designada por FLUP, a **Wisdom Constellation Lda**, adiante designada por instituição de estágio, e o/a estudante do 2º ciclo de estudos em Tradução e Serviços Linguísticos da FLUP, **Salomé Pereira Fonseca** adiante designada/o por Estagiário, no âmbito da realização do presente trabalho de Estágio.

Oficializa a cooperação entre as instituições e o Estagiário supra identificados e estabelece os seus principais deveres e direitos, com vista ao melhor aproveitamento, por parte dos mesmos, das potencialidades científicas, técnicas e humanas envolvidas na realização do trabalho de Estágio.

2. Duração e enquadramento do Estágio

Nos termos do *Regulamento Geral de 2º Ciclos de Estudos da Universidade do Porto (GR.02/06/2014, de 6 de junho de 2014)*, os Estágios deverão cumprir a apresentação de relatório final, em ato público. No âmbito do presente Ciclo de Estudos, o Estudante deverá cumprir um total de 375 horas de estágio.

O estágio, de natureza curricular, é realizado em ambiente de trabalho normal, nas instalações da IE sitas em Avenida Fernão de Magalhães, 3548 1º, Loja 13, 4350-163 Porto. Enquadra-se nas normais atividades da instituição de estágio, devendo resultar no desenvolvimento do relatório final elaborado no final do estágio.

3. Resumo do trabalho previsto

Para este Estágio é definido um plano detalhado para a concretização de um programa de trabalhos que se anexa a este protocolo.

4. Período de duração do Estágio

O Estágio decorre entre o dia 1 de fevereiro de 2022 e o dia 30 de abril de 2022.

O Estágio decorrerá nos dias úteis, reservando-se, sempre que se justifique, pelo menos um dia por mês para realização de reuniões de acompanhamento na Faculdade com o respetivo Orientador, nos termos do estipulado no plano de estudos.

5. Pessoal envolvido no acompanhamento do Estágio

O estudante é orientado por um supervisor da Instituição de Estágio e acompanhado por um orientador indicado entre o corpo docente da FLUP, com o qual reúne regularmente, para que o trabalho cumpra com o especificado no programa de trabalhos previamente acordado pelas duas partes e permita a sua apresentação em provas públicas.

6. Obrigações dos diversos intervenientes

6.1. Da Wisdom Constellation Lda - Instituição de Estágio

A instituição de estágio:

1. Fica isenta de conceder ao Estagiário qualquer espécie de remuneração pelo trabalho específico de estágio, mas pode, se assim o entender, fornecer apoio financeiro ao estagiário;
2. Compromete-se a, por princípio, não atribuir ao estagiário, tarefas que não se enquadrem ou não sejam adequadas, ao programa de formação acordado;
3. Deve igualmente:
 - a) Indicar um supervisor.
 - b) Aceitar o Estagiário e proporcionar-lhe as condições de trabalho necessárias para a realização do Estágio.
 - c) Facilitar ao Estagiário a informação indispensável inerente à própria Instituição para o estágio, assim como de tecnologias da sua propriedade ou de terceiros, a utilizar.
 - d) Autorizar a divulgação, em âmbito adequado, de informação envolvida no Estágio, na forma de apresentações na FLUP, de acordo com os números 2 da secção 6.2.

- e) Emitir parecer sobre o desempenho do estagiário.

6.2. Da FLUP

1. Cabe à FLUP assegurar que o estagiário possui, através desta, o seguro escolar pago aquando da primeira prestação da propina.
2. Cabe à FLUP, na pessoa do Diretor do ciclo de estudos:
 - a) Assegurar as condições necessárias ao bom acompanhamento do Estagiário por parte do Orientador da FLUP.
 - b) Assegurar as condições necessárias à realização da apresentação final do relatório de Estágio e sua avaliação.

6.3. Do Orientador da FLUP

Cabe ao Orientador da FLUP:

1. Participar em todas as reuniões de acompanhamento, no mínimo de três, com o Estagiário e, preferencialmente, com a Instituição de Estágio.
2. Acompanhar e avaliar o trabalho em desenvolvimento, de forma a garantir, por um lado, a sua exequibilidade e, por outro, a sua dignidade como trabalho de Estágio.
3. Tomar as devidas providências em caso de ocorrência de problemas no decorrer do Estágio, nomeadamente participando os factos ao Diretor do ciclo de estudos.
4. Orientar o Estagiário no desenvolvimento do trabalho e na escrita do relatório autorizando a entrega deste quando a qualidade atingida seja a desejada.
5. Participar na apresentação final do relatório de Estágio, integrando o júri de avaliação definido no respetivo regulamento.
6. Dar opinião acerca das componentes do Estágio em avaliação, com vista à atribuição da classificação final do mesmo.

6.4. Do Estagiário

São deveres do Estagiário durante o seu período de estágio:

1. Desempenhar com zelo e diligência as suas funções, respeitando sempre o restante pessoal da instituição de estágio.

2. Respeitar os horários definidos, com assiduidade, assim como outras regras internas da instituição de estágio.
3. Elaborar os planos de trabalho e relatórios julgados necessários dentro dos prazos estipulados na ficha UC do SIGARRA.
4. Escrever um relatório final de Estágio, assim como realizar uma apresentação pública do trabalho desenvolvido, sob a orientação e aprovação do Orientador.
5. Sujeitar-se à avaliação do Estágio nas componentes:
 - a. Trabalho Desenvolvido
 - b. Relatório Final
 - c. Apresentação Oral e Defesa

7. Disposições não incluídas no presente protocolo

Não se consideram incluídas no presente protocolo quaisquer disposições relativas a eventuais pagamentos a efetuar pela Instituição de Estágio ao Estagiário, a título de remuneração, subsídios ou outras formas de retribuição, pela realização do Estágio. Essas disposições, caso existam, devem ser objeto de acordo específico celebrado entre a Instituição de Estágio e o Estagiário.

8. Validade

O presente protocolo é válido a partir da data da última assinatura até à data da apresentação final do Estágio.

9. Sigilo

O Estagiário, bem como o Orientador de estágio que, no âmbito das atividades de estágio, tomem conhecimento de informações de natureza confidencial ou reservada, ficarão obrigados à conservação do sigilo sobre as mesmas.

10. Revogação

Os contraentes poderão, a todo o tempo, revogar o presente protocolo, desde que o desenvolvimento do estágio se apresente lesivo do funcionamento normal da instituição de estágio ou por incumprimento dos objetivos e plano de estágio fixados.


Feito em triplicado (três exemplares originais, sendo um para a FLUP, outro para a instituição de estágio e outro para o/a Estagiário/a).

Porto, 10 de janeiro de 2022

**Diretora da Faculdade de
Letras da UP**

**Wisdom Constellation Lda
Responsável da IE**

Estagiário

Assinado por: **CÂNDIDA FERNANDA ANTUNES RIBEIRO**
Num. de Identificação: 035973471
Data: 2022.01.10 17:58:31+00'00'
Certificado por: **Diário da República Eletrónico.**
Atributos certificados: **Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Universidade do Porto.**
 **CARTÃO DE CIDADÃO**

Assinado por: **Sara Daniela de Sousa Araújo Marques**
Num. de Identificação: 13740568
Data: 2022.01.26 09:40:28+00'00'
Certificado por: **SCAP.**
Atributos certificados: **Gerente de WISDOM CONSTELLATION LDA..**

Prof.ª Doutora Cândida
Fernanda Antunes Ribeiro

Sara Araújo Marques
Dra. Sara Daniela de Sousa
Araújo Marques

Salomé Pereira Fonseca
Dra. Salomé Pereira Fonseca

Supervisor da IE



Assinado por: **Maria Joana de Sousa Pinto Guimarães de Castro Mendonça**
Identificação: 8109616743
Data: 2022-01-12 às 08:44:37

Prof.ª Doutora Joana
Guimarães

Renata Soares
Dra. Renata Cláudia Guerra
Soares

ANEXO I

PLANO DE ESTÁGIO

Área/Departamento de Estágio: Wisdom TRANSLATIONS

Período de Estágio: 01/02/2021 a 30/04/2021

Responsável pelo Estágio: Renata Soares

E-mail: renata.soares@wisdomtranslations.com

Plano de atividades:

- Aquisição de conhecimentos na área de Tradução e Gestão de Tradução
- Introdução a ferramentas de tradução
- Tradução de conteúdos DE/PT/EN-DE/PT/EN
- Revisão e Edição de conteúdos DE/PT/EN-DE/PT/EN
- Introdução à Legendagem
- Desempenho de tarefas administrativas

Anexo 2 – Registo das tarefas diárias

Data	Tarefas
01/02	Reunião com supervisora: apresentação dos clientes e funcionamento da empresa; apresentação e explicação do funcionamento do programa de legendagem a utilizar no primeiro trabalho (através de partilha de ecrã); Leitura e estudo dos guiões de legendagem de cada empresa, com foco no que corresponderia à da empresa de quem pertenceria o primeiro projeto.
02/02	Início de legendagem de um filme; Instalação do Slack para comunicação com os funcionários da empresa; Criação de utilizador para uso do pica ponto.
03/02	Continuação da legendagem do filme.
04/02	Finalização da legendagem do filme; Início da revisão das legendas com excesso de caracteres.
07/02	Finalização da revisão das legendas com excesso de caracteres por linha; Revisão do filme completo e agrupamento das dúvidas finais; Início da tradução de outro filme.
08/02	Continuação da tradução do filme; Instalação do AnyDesk; Tentativa de instalação do Trados Studio através do Anydesk.
09/02	Continuação da tradução do filme; Conclusão da instalação do Trados Studio.
10/02	Conclusão da tradução do filme; Revisão das legendas com excesso de caracteres por linha; Revisão completa do filme; Estudo do programa Trados Studio para recordar as suas funcionalidades.
14/02	Início da tradução do episódio de uma série.
15/02	Continuação da tradução do episódio; Interrupção da tradução do episódio para a tradução urgente de um Contrato de Prestação de Serviços para inglês.
16/02	Fim da tradução do contrato; Continuação da tradução do episódio.
17/02	Fim da tradução do episódio; Início da revisão das legendas com excesso de caracteres por linha;

	Redação de um artigo sobre a tradução automática nas legendas em conjunto com a minha colega estagiária.
18/02	Finalização da revisão das legendas com excesso de caracteres por linha e resolução das dúvidas finais; Revisão completa do episódio; Tradução de um episódio de uma série.
21/02	Apresentação das instalações e do modo de funcionamento da empresa a nível de organização no espaço; Finalização da tradução do episódio; Revisão das legendas com excesso de caracteres por linha; Revisão do episódio completo; Receção de <i>feedback</i> de todos os trabalhos anteriormente realizados; Início da tradução de um episódio de uma série.
22/02	Finalização da tradução do episódio; Revisão das dúvidas que restavam; Revisão completa do episódio.
23/02	Instalação de um novo programa de tradução e aprendizagem do seu modo de funcionamento; Realização da tradução de um inquérito e de um glossário; Início da tradução de um episódio de uma série.
24/02	Conclusão da tradução do episódio; Interrupção da revisão do episódio para a realização da tradução urgente de um tutorial.
25/02	Continuação da tradução.
28/02	Conclusão da tradução; Tradução de um episódio de uma série.
01/03	Continuação da tradução do episódio.
02/03	Conclusão da tradução do episódio; Revisão das dúvidas finais; Revisão completa do episódio; Revisão do episódio concluído no dia 24/02; Início da tradução de um episódio de uma série.
03/03	Continuação da tradução do episódio; Interrupção da tradução do episódio para realização de uma tradução urgente de uma mensagem de boas-vindas.

04/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Instalação de um novo programa de legendagem e aprendizagem do seu modo de funcionamento;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
07/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
08/03	<p>Continuação da tradução do episódio.</p>
09/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio.</p>
10/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Início da revisão das dúvidas finais da tradução.</p>
11/03	<p>Conclusão da revisão das dúvidas;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
14/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
15/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio.</p>
17/03	<p>Tradução de um Contrato de Prestação de Serviços em conjunto com a minha colega Regina.</p>
18/03	<p>Conclusão da tradução do contrato;</p> <p>Verificação dos termos utilizados com a minha colega, para consistência dos termos da tradução;</p> <p>Tradução de um episódio de uma série.</p>
21/03	<p>Continuação da tradução do episódio.</p>
22/03	<p>Conclusão da tradução do episódio;</p>

	<p>Cópia da tradução já elaborada do episódio para outro programa de legendagem;</p> <p>Revisão das dúvidas e segmentos com excesso de caracteres por linha;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um <i>eflyer</i>.</p>
23/03	<p>Finalização da tradução;</p> <p>Redação de um artigo sobre estrangeirismos com a minha colega Regina;</p> <p>Tradução de um episódio de uma série.</p>
24/03	<p>Continuação da tradução do episódio;</p> <p>Visualização da palestra da fundadora da empresa, Dr.^a Sara Araújo.</p>
25/03	<p>Revisão do episódio;</p> <p>Tradução de um episódio de uma série;</p> <p>Revisão do episódio;</p> <p>Tradução de um episódio de uma série;</p> <p>Revisão do episódio.</p>
28/03	<p>Tradução de um episódio de uma série;</p> <p>Revisão do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
29/03	<p>Continuação da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série.</p>
30/03	<p>Finalização da tradução do episódio;</p> <p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Início da tradução de um episódio de uma série;</p> <p>Interrupção da tradução do episódio para tradução urgente de um <i>eflyer</i>.</p>
31/03	<p>Revisão das dúvidas finais da tradução do episódio;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Ttradução de um episódio de uma série.</p>
01/04	<p>Revisão das dúvidas finais da tradução;</p> <p>Revisão completa do episódio;</p> <p>Tradução de um episódio de uma série;</p>

	Revisão do episódio; Início da tradução de um episódio de uma série.
04/04	Conclusão da tradução do episódio; Revisão das dúvidas finais da tradução; Revisão completa do episódio; Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio; Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio; Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio; Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio.
05/04	Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio; Tradução de uma carta jurídica.
06/04	Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio; Tradução de um episódio de uma série; Revisão do episódio.
11/04	Início da tradução de um documento.
12/04	Conclusão da tradução do documento; Revisão do documento.
13/04	Início da tradução de um episódio de uma série; Interrupção para tradução urgente de um <i>slides</i> de uma apresentação; Revisão das dúvidas finais da tradução do episódio.
18/04	Finalização da revisão dos segmentos com caracteres em excesso do episódio; Revisão completa do episódio; Revisão de um episódio traduzido por outra tradutora; Início da tradução de um documento escolar.
19/04	Continuação da tradução.
20/04	Conclusão da tradução; Revisão da tradução;

	Discussão de possíveis temas para redação de um artigo para o blogue com a minha colega Regina.
21/04	Tradução de um documento escolar; Definição do tema para o artigo para o blogue (humor na tradução); Procura de informação acerca do tema; Início da redação do artigo para o blogue com a minha colega Regina.
22/04	Finalização da redação do artigo; Tradução de um episódio de uma série;
26/04	Revisão das dúvidas finais da tradução; Revisão do episódio completo; Recolha das principais dúvidas que surgiram ao longo do estágio, para envio à supervisora e posterior receção das respetivas respostas.
27/04	Tradução de um documento escolar.
28/04	Revisão das dúvidas finais da tradução; Revisão da tradução.
29/04	Entrevista ao chefe da empresa acerca da sua formação e funcionamento; Início da tradução de um episódio de uma série.

Anexo 3 – Carta de recomendação

Estagiário: Salomé Fonseca

Orientador: Renata Soares

Empresa: Wisdom Constellation Lda.

CLASSIFICAÇÃO¹⁴

1 - ASSIDUIDADE E PONTUALIDADE

a – Assiduidade

b - Pontualidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

				X
				X

2 – AMBIENTE ORGANIZACIONAL

a - Adaptação ao meio (desempenho do Estagiário)

b - Capacidade de integração

c - Capacidade de iniciativa

d - Capacidade de investigação técnica

e - Capacidade de organização

f - Capacidade de trabalhar em equipa

g - Utilização de material informático

h - Aplicação de conhecimentos

i - _____

		X		
		X		
			X	
			X	
				X
				X
			X	
			X	

3 – PLANO DE ESTÁGIO

a - Progressão durante o estágio

b - Componente científica

c - Componente prática

e - _____

			X	
			X	
			X	

4 - POSTURA

a - Aptidão técnico-profissional

b - Idoneidade ética e deontológica

c - _____

1	2	3	4	5
			x	
			x	

¹⁴Nota: para efeitos de classificação considerar: 1 – Mau; 2 – Fraco; 3 – Suficiente; 4 – Bom; 5 – Muito bom

5 - OBSERVAÇÕES

A Salomé cumpriu todos os objetivos a que se propôs. É organizada, interessada e disciplinada. Relativamente às competências técnicas, apresenta uma boa qualidade nas suas traduções. Deve melhorar as suas competências de comunicação e socialização, pois durante o seu estágio foi muito reservada e pouco comunicativa.

Anexo 4 – Excerto relativo a exemplo 2¹⁵

R: - Eu faço a contagem.
F: - Não é preciso.
Tenho um cronómetro mental.
Em criança, a brincar às escondidas, era o único que não precisava de dizer
"um hipopótamo, dois hipopótamos".
R: Eu já te ouvi.
Ou falas por cima das notícias ou ficas sem tempo.
F: E não.
R: Aposto 20 euros em como estragas tudo.
F: - Soa bem.
R: - Não, tu é que tens de soar.

¹⁵ Neste e nos excertos que se seguem, não é apresentada a versão original do diálogo, em inglês, uma vez que o programa de legendagem não possuía a funcionalidade de fazer o seu *download*. Apenas era possível fazer o *download* da respetiva tradução.

No entanto, sendo o único propósito destes excertos providenciar um contexto da situação ao/à leitor/a, e não possibilitar a comparação do original com a tradução, crê-se que é autossuficiente.

Anexo 5 – Excerto relativo a exemplo 3

D: Talvez estivesse menos sensível se não passasse metade do dia
a limpar o que sujou
e outra metade ao telemóvel com o homem que repara o triturador do lixo
pois a porcaria dos seus biscoitos enormes partiram a lâmina.
S: São muitas palavras com "p" para uma menininha.
- Cá está uma de que te esqueceste.
D: - Não se atreva!

Anexo 6 – Excerto relativo a exemplo 6

M: Quando conheci a vossa mãe, ela era tão animada e energética,
que fantasiava sobre ela num uniforme curto de chefe de claque,
a abanar-se.
N: - Pai!
F: Pai!
M: Cresçam, vocês os dois!
Estou só a dizer que é natural.
Nem sei quantas vezes andei de vigia, ao frio,
a imaginar a vossa mãe em frente à lareira só com...
F/N: Pai.
Desculpem.
Um dia, eu e a vossa mãe fizemos um piquenique na igreja
e vocês vieram a flutuar pelo rio em cestos de vime.
N: Foi difícil?

Anexo 7 – Excerto relativo a exemplo 12

D: B--, deves estar muito entusiasmada!
N: Claro que está, pai. Está a tomar conta... a conviver comigo.
D: Claro, N--. Mas queria dizer entusiasmada com a faculdade.
Lembras-te de dizermos que ela ia?
N: Certo. Parabéns!

Anexo 8 – Excerto relativo a exemplo 16

<p>N: Notícias angustiantes. O Francois ofereceu a nossa mesa.</p>
<p>F: Ele que se lixe!</p>
<p>N: - Desculpa? F: - Ouviste bem!</p>
<p>Não precisamos dele nem do seu restaurante.</p>
<p>Há muitos restaurantes na cidade.</p>
<p>Eu digo para irmos a um sítio onde nem precisamos de uma reserva!</p>

Anexo 9 – Excerto relativo a exemplo 15

M: Não sei. Ele leva a tua opinião a sério.
F: Quando eramos mais novos, tinha uma certa influência,
mas lembras-te daquela vez em que ele ia experimentar atletismo?
Convenci-o de que os miúdos fixes iam para a sociedade madrigal.
M: Não me refiro só à escola.
M: Ele vem ter contigo para decisões de carreira,
onde registar a residência, onde estabelecer o consultório.
F: Subestimei a minha influência.
A minha opinião pode ser o fator mais importante
na decisão dele.
M: Não sei se iria tão longe.
F: Não sabes o que é a tua opinião importar.
O N-- depende de mim.
Merece uma resposta verdadeira e honesta.

Anexo 10 – Excerto relativo a exemplo 19

Ch: "A prisão temporária não foi capaz de conter o seu nível de crueldade
e a violência aumentou dez vezes".
Cr: Passámos dos monges, mil anos antes,
que rezavam
por razões diferentes,
a prisioneiros que rezavam
para ver outro dia.
Ch: "A confusão gerou-se em 1856,
quando três reclusos assassinaram
brutalmente o guarda William Reddy,
batendo-lhe na cabeça
com uma barra de ferro".
Cr: O homicídio levou à construção
de um Bloco da Punição.